

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOSÉ CARLOS VALENTIM DOS SANTOS

A ESPIRITUALIDADE RESILIENTE: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO
PELOS MEMBROS DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

São Leopoldo

2012

JOSÉ CARLOS VALENTIM DOS SANTOS

A ESPIRITUALIDADE RESILIENTE: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO
PELOS MEMBROS DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

Segundo Avaliador: Lothar Carlos Hoch

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237e Santos, José Carlos Valentim dos
A espiritualidade resiliente: um caminho a ser
percorrido pelos membros da Igreja Presbiteriana do
Brasil / José Carlos Valentim dos Santos ; orientadora
Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2012.
75 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Espiritualidade – Igreja Presbiteriana. 2.
Resiliência (Traço da personalidade). 3. Graça
(Teologia). I. Wondracek, Karin Hellen Kepler. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOSÉ CARLOS VALENTIM DOS SANTOS

A ESPIRITUALIDADE RESILIENTE: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO
PELOS MEMBROS DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Data:

Karin Hellen Kepler Wondracek - Doutora em Teologia – EST

Lothar Carlos Hoch – Doutor em Teologia – EST

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Deus Triúno pela vida e pela manifestação de seu cuidado providencial.

À Igreja Presbiteriana Central de Telêmaco Borba, pelas orações e apoio.

Ao Dr. Eleazear Ferreira, reitor do Centro Universitário Filadélfia (Unifil), pelo incentivo.

Ao meu amigo, Rev. Dr. Osni Ferreira, pelo ajuda e incentivos.

À minha família, pela compreensão e apoio.

À minha orientadora, Dra. Karin Wondracek, pela ajuda e estímulo.

A todos os amigos e amigas, pelo carinho e amizade

DEDICATÓRIA

Para Odília Maria dos Santos, a quem devo muito do que aprendi e do que sou; Rosenéa Valentim dos Santos, minha esposa e companheira de todos os momentos; Maressa, João Marcos e Ana Livia, meus filhos amados.

RESUMO

A espiritualidade é uma parte fundamental da vida religiosa. Na própria tradição cristã ela é compreendida como parte da vivência do Evangelho que procura enfatizar que a vida vai além da mera existência deste mundo. As formas de espiritualidade são variadas e ricas em suas expressões. Na história da Igreja Cristã é possível perceber múltiplas possibilidades de espiritualidade, desde aquelas mais introspectivas – expressas em meditação fechada em claustros – até aquelas fundamentalmente práticas, que percorrem o caminho da ação, expressas – muitas vezes – na militância social em favor dos pobres. Atualmente a espiritualidade vem sendo tema de estudos e aplicações inéditas, como, por exemplo, na área empresarial, como bem indica o Best Seller *O Monge e o Executivo*. Tema marcante, junto à espiritualidade, está a resiliência, aquela capacidade do gênero humano em reagir diante de situações de crise, e que marca substantivamente as formas de espiritualidade. Desta maneira, o presente trabalho de mestrado profissional intenta analisar a importância da espiritualidade e da resiliência para a vida comunitária eclesial.

Palavras-chave: Espiritualidade. Resiliência. Meios de Graça.

ABSTRACT

Spirituality is a fundamental part of religious life. In its own Christian tradition is understood as part of living the Gospel that seek to emphasize that life goes beyond the mere existence of this world. The forms of spirituality are varied and rich in their expressions. In the history of the Christian Church is possible to see multiple possibilities of spirituality, since those more introspective - expressed in meditation in cloisters closed - even those primarily practices that cross the path of action, expressed - often - in social activism for the poor. Currently spirituality has been the subject of studies and novel applications, for example, in the business, as well indicates the Best Seller *The Servant*. Theme striking next to spirituality, is resilience, that ability of mankind to react to crisis situations, and that brand substantively forms of spirituality. Thus, this paper of professional master attempts to analyze the importance of spirituality and resilience to the ecclesial community life.

Keywords: Spirituality. Resilience. Means of Grace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A ESPIRITUALIDADE	11
1.1 O que é Espiritualidade.....	11
1.2 Síntese bíblico-teológica da Espiritualidade.....	13
1.2.1 <i>Antigo Testamento</i>	13
1.2.2 <i>Espiritualidade na Criação</i>	13
1.2.3 <i>Espiritualidade dos Patriarcas</i>	15
1.2.4 <i>Espiritualidade de Moisés</i>	16
1.2.5 <i>Espiritualidade Profética</i>	18
1.2.6 <i>Espiritualidade Sapiencial</i>	19
1.2.7 <i>Espiritualidade Sálmica</i>	20
1.3 Novo Testamento.....	21
1.3.1 <i>A Espiritualidade de Jesus</i>	22
1.3.2 <i>A Espiritualidade da Comunidade Cristã</i>	24
1.3.3 <i>Espiritualidade Paulina</i>	27
1.3.4 <i>Espiritualidade Joanina</i>	29
1.4 Os Essenciais Teológicos da Espiritualidade.....	30
1.4.1 <i>Uma Espiritualidade Trinitária</i>	30
1.4.2 <i>Uma espiritualidade Ecológica</i>	32
1.4.3 <i>Uma Espiritualidade Mística</i>	33
1.4.4 <i>Uma teologia mais espiritual e uma espiritualidade teológica</i>	34
1.4.5 <i>Uma espiritualidade Transcendente e Imanente</i>	35
2 RESILIÊNCIA.....	37
2.1 O que é Resiliência	37
2.2 Fundamentos da Resiliência Comunitária.....	38
2.2.1 <i>Solidariedade</i>	39
2.2.2 <i>Honestidade Estatal ou Administrativa</i>	40
2.2.3 <i>Identidade cultural</i>	41
2.2.4 <i>Humor Social</i>	42
2.2.5 <i>Auto Estima Coletiva</i>	44
2.3 Âmbitos/Tutores para a promoção da Resiliência.....	45

2.3.1 Rede de Apoio	45
2.3.2 Modelo de Desafio	46
2.3.3 Vínculos Significativos	46
2.3.4 Mente Solucionadora	47
2.3.5 Sentido de Propósito e Futuro	47
2.4 Espiritualidade e Resiliência	48
2.5 Jó: um modelo de espiritualidade resiliente	49
3 A ESPIRITUALIDADE RESILIENTE E OS MEIOS DE GRAÇA: UM CAMINHO À SER PERCORRIDO PELOS MEMBROS DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL	53
3.1 Os Meios de Graça	53
3.1.1 Definição de “Meios de Graça”	54
3.1.2 Características dos “Meios de Graça”	54
3.2 A Oração	55
3.2.1 O que é Oração	56
3.2.2 A importância da Oração	56
3.2.3 Uma Oração Modelo	58
3.3 As Sagradas Escrituras.....	63
3.4 Os Sacramentos	65
3.4.1 Definição de Sacramento.....	65
CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS.....	73

INTRODUÇÃO

O interesse por desenvolver este tema foi fruto das aulas, trabalhos e trocas de experiências durante o curso de mestrado profissional na EST, o qual foi ministrado pelos professores Lothar Hoch, Valburga Schmiedt e Karin Wondracek, entre outros, relacionado, especialmente, com a temática da Espiritualidade e da Resiliência, que motivou o meu coração. O desafio foi maior quando apresentei, no projeto de pesquisa, a Espiritualidade Resiliente e os Meios de Graça, uma abordagem inédita na perspectiva da Teologia Reformada, como um caminho a ser percorrido pelos membros da Igreja Presbiteriana do Brasil.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo foi estabelecida a análise dos conceitos que fundamentam a espiritualidade, pontuando os elementos bíblicos principais, bem como na trajetória da história do povo de Israel e os referenciais espirituais no contexto do Novo Testamento a partir de Jesus, da Comunidade Cristã, da experiência paulina e da comunidade Joanina. No segundo capítulo foram abordados os parâmetros que fundamentam a Resiliência como aquela capacidade de lidar com adversidades e aprender a se fortalecer, pois se trata de um processo ativo de resistência, uma resposta à crise e aos seus desafios. No terceiro capítulo o destaque se concentrou sobre o que é conhecido como “Meios da Graça”, os quais extraídos do contexto da Teologia Reformada como um caminho a ser enveredado pelos membros da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Os “Meios de Graça” têm o objetivo de edificar e dar a direção providencial de cuidado aos crentes no enfrentamento das lutas e das perdas.

Os elementos elencados são fatores importantes de fortalecimento espiritual. Neles estão incluídos a Oração, a Palavra de Deus e os Sacramentos como riquezas espirituais, as quais o próprio Cristo instituiu para a vida da Igreja Cristã. Portanto, a relação com Cristo, fundamento sólido que deve caracterizar a vida cristã e a operação poderosa do Espírito Santo, é relevante e eficaz para a obtenção dos resultados positivos que se almejam.

A construção do caminho da espiritualidade não é uma tarefa fácil, porém, interpretados à luz da Palavra de Deus, as dificuldades se tornam meios de aprendizado. Os meios da graça são depósito divino, mas acompanham a utilização

destes, uma vez que não pode haver nenhuma separação da Palavra de Deus e os Sacramentos.

Soli Deo Gloria!

1 A ESPIRITUALIDADE

Nos últimos anos tem crescido o interesse pelo estudo da espiritualidade em todos os meios. Inúmeras religiões e até as empresas têm abordado esta temática. Hunter afirma: “quando vocês lideram com autoridade serão chamados a doar-se, amar, servir e até sacrificar-se pelos outros. Mais uma vez, amar não é como você se sente em relação aos outros, mas como se comporta em relação aos outros”.¹ Amar aqui é um ato de doação ao outro, atendendo às suas necessidades. Então, a espiritualidade é mais do que religiosidade, na medida em que ela se confunde com necessidades (religiosas) e aos sentimentos das pessoas por algo mais elevado, ou ainda, reduzi-la a um simples puritanismo. Leonardo Boff fala da relevância da espiritualidade da seguinte maneira:

Todos falam de espiritualidade, e ela é um tema recorrente em nossa cultura, não só no âmbito das religiões, que é o seu lugar natural, mas também no das buscas humanas, tanto de jovens quanto dos intelectuais, de famosos cientistas e – para surpresa nossa – de grandes empresários. Tenho falado nos últimos anos, aqui e fora do país, para grupos ligados ao poder econômico internacional, executivos de multinacionais e outros agentes de poder, que colocam como tema de ponderação as mudanças sociais, o novo paradigma civilizatório, a produtividade da nova tecnologia robotizada e a espiritualidade humana”.²

A espiritualidade é uma necessidade de todos os segmentos da sociedade, pois ela trata de realidades comuns a todas as pessoas, de todas aquelas que manifestam profundo vazio em seu ser e que necessitam de um novo norteamento espiritual em busca do sentido da vida.

Diante desse quadro, faz-se necessário a descrição das mais diferentes definições do que é a espiritualidade.

1.1 O que é Espiritualidade

As seguintes definições de espiritualidade são sintomáticas de uma percepção acerca da transcendência:

¹ HUNTER, James C. *O monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 95.

² BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 11.

É aquilo que produz dentro de nós uma mudança. O ser humano é um ser de mudanças, pois nunca está pronto, está sempre se fazendo, física, psíquica, social e culturalmente.³

É um todo da vida humana visto em termos de uma relação consciente com Deus, em Jesus Cristo, por meio da morada interior do Espírito e dentro da comunidade de crentes.⁴

É a nossa maneira de acolher, de assimilar e de atualizar o dom de Deus, sua graça, no desenrolar concreto da nossa existência.⁵

Espiritualidade, a maneira de ser cristão, é andar segundo o Espírito, a força de vida que liberta o ser humano, através da morte, do pecado, da escravidão. A espiritualidade cristã consiste em assumir o corpo liberto, e a partir disso podemos orar: “Abba, Pai”, e entrar em comunhão fraterna com os demais.⁶

Espiritualidade e a atitude básica, prática ou existencial, própria do ser humano, e que é consequência e expressão de uma visão religiosa – ou, de um modo mais geral, ética – da existência humana.⁷

A espiritualidade cristã é um estilo de vida. Uma piedade que toma forma também no cotidiano. É uma forma pré-moral da fé, que alcança nossa vida cotidiana. Ela se realiza em virtude da radiante presença do santo nome de Deus em nosso meio.⁸

Espiritualidade é vitalidade. O Espírito é o desejo de viver que nos invade, e as forças do Espírito são as forças da vida despertadas em nós.⁹

A espiritualidade é vista em um testemunho coerente: “Ser o que se é. Falar o que se crê. Crer o que se prega. Viver o que se proclama. Até as últimas consequências e nas coisas pequenas do dia-a-dia.”¹⁰

Falar de espiritualidade é falar de um estilo de vida que se orienta pelo cumprimento do propósito de Deus para a vida humana e para toda a criação; se concretiza em uma maneira de pensar, sentir e agir coerente com Jesus Cristo como modelo da nova humanidade, e depende do poder do Espírito Santo. Espiritualidade é colocar em prática o discernimento da vontade de Deus para a vida comunitária em todas as suas dimensões. A espiritualidade é um dom e uma tarefa.¹¹

³ BOFF, 2001, p. 17.

⁴ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 53.

⁵ SECONDIN, Bruno; GOFF, Tullo (Org.). *Curso de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 540.

⁶ SEGURA, C. Harold. *Para que serve a espiritualidade*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 127.

⁷ SEGURA, 2010, p. 128.

⁸ BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 19-21.

⁹ SEGURA, 2010, p. 129.

¹⁰ SEGURA, 2010, p. 131.

¹¹ SEGURA, 2010, p. 132.

Espiritualidade é uma expressão prática da peregrinação, a práxis, ou o compromisso reflexivo, da fé. Como tal, é multidimensional. A vida no Espírito é a existência vivida de acordo com o Espírito do Deus trino e uno. Viver no Espírito é viver com fome e sede de Deus. Essa busca é inspirada, motivada e iniciada pelo Espírito Santo. A vida no Espírito é, portanto, uma peregrinação guiada pelo Espírito.¹²

Nota-se que essas definições revelam aspectos importantes e desafiadores do viver cristão, moldado por um processo de transformação e crescimento com Jesus de Nazaré, o nosso modelo por excelência de espiritualidade relevante; convidam-nos a um andar ético e coerente que envolve a nossa maneira de pensar, sentir e agir; é essencialmente uma resposta de amor do Deus triúno que nos busca, que vem até nossa vida como um todo; ela é a experiência viva do Deus infinito e pessoal.

Este processo contínuo salientado nestas definições é revitalizado pelo Espírito Santo, força vital indispensável e doadora na vida das pessoas, inserindo-as no contexto no Reino de Deus, manifestado na pessoa de Jesus Cristo.

1.2 Síntese bíblico-teológica da Espiritualidade

1.2.1 Antigo Testamento

A perspectiva do Antigo Testamento indica a realidade da experiência espiritual no contexto da relação de Deus com Israel. Goff salienta que:

Yahweh, Deus de Israel, revela uma presença constante e eficaz na vida do seu povo, mais amplamente, na vida do homem; tal revelação mantém intacto ou até progressivamente mais profundo e quase impenetrável o Mistério que é o Deus vivo. Ao mesmo tempo, o homem é inteiramente envolvido; por isso, o discurso corre continuamente entre os dois pólos da teologia e da antropologia. Daí resulta que o Mistério, que é o Deus de Israel, se reflete e, de alguma maneira, se realiza no mistério que é o próprio homem.¹³

1.2.2 Espiritualidade na Criação

O ponto de partida da espiritualidade nas Escrituras se evidencia a partir da criação, quando a relação de Deus foi estabelecida com o ser humano e com as demais criaturas.

¹² SEGURA, 2010, p. 132.

¹³ SECONDIN, 1993, p. 26.

Nota-se categoricamente que

a criação foi um ato de amor de Deus. Foi um presente de Deus para todos. Na criação do mundo, da terra e de tudo o que nela existe, Deus criou um oikos, uma casa comum de toda a comunidade da criação. No plano da sua criação em amor, esta casa comum deve ser também um habitat do próprio criador. Por amor, aquele que é infinito deseja morar no finito. O Verbo da vida eterna vem morar entre nós.¹⁴

Neste sentido, é perceptível que há um destaque na criação acerca da comunidade, com a criação do ser humano, da natureza e o próprio Deus se estabelecendo nesta relação comunitária e solidária. “Um Deus que conhece toda a realidade, porque fez a sua obra indicando uma finalidade. Assim, o mundo não é sem projeto, sem destinação e sem resposta. O mundo é o campo de atuação do homem, que tem que se reportar sempre a Deus como criador e salvador”.¹⁵

O texto bíblico de Gênesis 1.26-30 fala essencialmente do conceito de Imagem de Deus, ele “indica uma proporção, afinidade e referência do homem em relação a Deus, ao passo que a representação está inserida no campo das relações de Deus com sua criação”.¹⁶ Na criação se percebe o conceito de transcendência imanente; a experiência que vem ao encontro do ser humano pode ter um caráter transcendente, na medida em que Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus, e, portanto, o próprio Deus, à sua maneira, “experimenta” todas as coisas, como afirma Boff.¹⁷

A palavra *ruah*, afirma Moltmann: “Quando esta unidade de sopro e voz é aplicada à ação criadora de Deus, então as coisas são chamadas à vida pelo espírito e pela palavra de Deus”.¹⁸ Deus cria todas as coisas por sua palavra, fala através das energias criadoras de *ruah*. Esta força criadora de Deus é comunicada às suas criaturas. A beleza é que essa força de origem transcendente atua de

¹⁴ REIMER, Haroldo. *Toda criação: ensaios de Bíblia e Ecologia*. São Leopoldo, Oikos, 2006. p. 46.

¹⁵ Dimensões teológicas da Criação e Salvação na teologia de Pierre Gisel. ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. *Atualidade Teológica*, revista do departamento de Teologia da PUC-Rio, ano XVI, n. 34, fasc. 34, abr./jan., 2010. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_teologia.php?strSecao=input0>. Acesso em: 28 nov. 2012.

¹⁶ TRIGO, Pedro. *Criação e História*. São Paulo: Vozes, 1988, p. 323.

¹⁷ BOFF, Leonardo. Panteísmo e panenteísmo: distinção necessária. Trecho extraído de *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*, Vozes 2011, presente no site oficial do autor. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2012/04/16/panteismo-e-panenteismo-distincao-necessaria/>>. Acesso em: 3 out. 2012.

¹⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 50.

maneira imanente, como força vital de tudo quanto é vivo. *Ruah* possibilita a ampliação de todos os espaços de liberdade e coloca toda vida pode ser desenvolvida.

A espiritualidade é autêntica se nos torna pessoas cada vez mais amorosas e voltadas para os outros com humildade, empatia e generosidade. “A essência da Imago Dei reside na capacidade de amar, de se relacionar”.¹⁹

Portanto, concluímos que a dimensão do relacionamento é fundamental no contexto da espiritualidade na criação, que estabelece o nosso relacionamento com Deus como fator qualitativo para uma boa relação conosco mesmos, com nosso próximo e com a natureza. A quebra do relacionamento foi uma das consequências da queda. “Na verdade, o manter e restaurar dos relacionamentos pactuais com seus vices-gerentes pecadores foi, em seu sentido real, motivados pela sua hesed. Deus Yahweh lembrou-se do seu pacto da criação e, particularmente, de seu vínculo pactual de amor e vida com adão e Eva”.²⁰

1.2.3 Espiritualidade dos Patriarcas

O aspecto distinto desta perspectiva é a designação “Deus dos pais”, conforme relata Gerhard von Rad:

O Deus que havia conduzido Abraão, Isaque e Jacó era Javé, e as designações rudimentares que vieram do antigo culto assimilado (Deus dos pais; pahad yishaq, “terror de Isaque” Gn 31.35; avir ya`aqob , “poderoso de Jacó”Gn 49.24) tornaram-se designações e atributos de Javé. Em tudo aquilo que, segundo as antigas tradições, ocorreu aos pais, a fé em Javé reconheceu a mão e a palavra do seu Deus. E Israel declarou como um bem seu e de Javé, o seu Deus, até mesmo o que lhe era mais estranho e mais bizarro, como, por exemplo, a história de Peniel (Gn 32.22ss).²¹

Esta espiritualidade teve conteúdos que revelaram o grau de comprometimento dessas pessoas com Deus, bem como, a concessão da promessa divina de abençoar sua posteridade, dando-lhes a terra de Canaã, conforme aliança firmada por Abraão com Javé (Gn 15.7ss). Neste sentido, percebe-se que esses

¹⁹ BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 94.

²⁰ GRONINGEN, Gerard van. *Criação e Consumo: o Reino, a Aliança e o Mediador*. São Paulo: 2002. p. 148.

²¹ RAD, Gerhardt von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste/Targumim, 2006. p. 164-165.

conteúdos foram referências determinantes para o encaminhamento da formação do povo e a concretização da promessa.

A expressão “Eu quero ser o vosso Deus” dá a conotação de um povo especial com uma relação especial que marcou de maneira determinante a vida dessas pessoas com Javé. Gerhard von Rad afirma:

Dessa maneira, na sua forma atual, a história dos patriarcas deve ser entendida como uma promoção especial de Javé, na qual ele prova o surgimento do povo de Israel, o que faz com que, em todos os aspectos, ela apontasse para a gênese do povo, depois para a relação extraordinária com Deus que é outorgada a esse povo no Sinai, e finalmente para o bem salvífico em si, para a posse definitiva da terra de Canaã.²²

Essa concessão de benefícios espirituais é constantemente renovada, conforme os relatos de Gn 12 a 50, bem como a espiritualidade construída na relação de Deus com os patriarcas fornece o pano de fundo para o surgimento da nação israelita.

No desafio de Deus para Abraão está evidenciado um chamado para “Crer, ter fé”, o que em hebraico significa o “firmar-se em Javé”. O objeto para o qual Abraão dirigiu a sua fé, segundo Gn 15.6, é algo vindouro, como sempre ocorre no Antigo Testamento. Javé fez referência ao seu projeto histórico diante de Abraão (Gn 15.5); e Abraão, por sua vez, tomou esse plano como algo real e “se firmou” nele. Isto é, “que foi a sua fé”.²³

1.2.4 Espiritualidade de Moisés

Moisés é o grande personagem da história do povo israelita, um líder por excelência que deixa marcas distintas nos momentos mais cruciais e envolventes.

O seu nascimento é marcado pela providência divina e seu cuidado. O “ver de Deus” relembra o “ver das parteiras” (1.16), da mãe de Moisés (2.2), da filha do Faraó (2.5-6) e de Moisés, quem havia visto a injustiça ao seu redor (9.2-12). Esse “ver” leva todos os atores à ação; e assim será também para Deus. Diz a Escritura que “Deus conheceu”, isto é, ele soube, pois viu e sentiu a miséria de seu povo, por

²² RAD, 2006, p. 167.

²³ RAD, 2006, p. 169.

isso, assim como a injustiça cometida por Moisés foi “conhecida”, e havia levado Faraó a intervir, assim também Javé iria intervir (2.14-15).²⁴

A sua fuga, o início da sua tarefa como líder libertador do povo, seu momento no deserto de Midiã, sua experiência com a sarça ardente, a libertação do povo do Egito, de sob a mão forte de Faraó, e sua condução para Canaã, fornecem subsídios espirituais e pastorais para a vida dos caminantes de fé.

No deserto quando da sua experiência com a Sarça ardente, ele é totalmente transformado pelo poder da presença de Deus que dialoga com Moisés, e este responde somente com sua fé.

Nesta sua caminhada a ação providencial de Deus vai provendo libertações que vão caracterizando a sua vida, tais como se deu no seu nascimento, do seu encontro com Deus no deserto, que o pega de surpresa na manifestação da sarça que ardia e não se consumia, conforme Êxodo 3.2: “Apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo, no meio duma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia”.²⁵ Nesta ocasião Deus manifesta os seus intentos, conforme determinado na aliança com Abraão, Moisés responde positivamente ao que Deus lhe incube, em relação ao seu povo. Ele aceita a missão.

Gerhard von Rad afirma: “Enquanto Javé só se comunica com outros profetas por intermédio de sonhos e visões, fala a Moisés ‘boca a boca’ e até lhe concede o privilégio de ‘ver a figura de Javé’”.²⁶ Este é um dado distintivo na espiritualidade de Moisés.

A oração é um elemento fundamental na espiritualidade de Moisés nos diversos momentos de sua caminhada com o povo, revelando intimidade com Deus, com a plena convicção de que Deus lhe ouve seja qual for a circunstância adversa. “Ele não é só mensageiro, enviado de Deus, que ouve as palavras e as transmite fielmente; é confidente que tem acesso fácil à presença de Deus”.²⁷

Resumindo podemos afirmar que Ele foi o mais íntimo e fiel dos servos, amigo com quem Deus tratou face a face. Ele sempre afirmou a necessidade de

²⁴ VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 88-89.

²⁵ A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

²⁶ RAD, 2006, p. 284.

²⁷ SCHOKEL, Luís Alonso. *A missão de Moisés*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 112.

Deus de caminhar consigo e nunca abriu mão da presença de Deus, chegando até dizer da sua desistência se Deus não estivesse consigo.

1.2.5 Espiritualidade Profética

Diz-se que “o profeta é esse elemento indispensável e fundamental na monarquia, pois ele fala em nome de Deus. sua missão espiritual, com efeito, é a de comunicar a palavra divina por meio daquelas preciosas coordenadas históricas dentro das quais o profeta é chamado”.²⁸ Ele é fiel às suas incumbências, especialmente de trazer as realidades divinas, dentro do contexto e compromisso com a aliança.

Os profetas de Israel, começando por Moisés, foram surpreendidos pela irrupção de Deus em sua vida. A presença de Deus está cercada, nos profetas de Israel, de uma obscuridade impenetrável. Os profetas não encontram linguagem para expressar o inefável de sua experiência de Deus. Moisés declara: “Pobre de mim, Senhor! Nunca fui bom orador, nem antes, nem agora que falas a teu servo. A minha pronúncia e a minha fala são pesadas” (Ex 4.10). Jeremias clama: “Senhor Javé, não sei falar, pois sou um menino” (Jr 1.6). Cristo resume os grandes profetas em sua pessoa.²⁹

A relação do profeta com Deus é fundamental para o êxito de sua missão, de conformidade com a vontade de Javé. Percebe-se o grau de exigência do ministério, manifestado nos momentos mais desafiadores da revelação bíblica, especialmente no contexto da história de Israel. von Rad falando essa experiência espiritual dos profetas afirma:

Nesse estado de visão-audição, o profeta perde, de maneira inusitada, a ligação consigo mesmo, com os seus sentimentos pessoais de prazer e desprazer e é introduzido na emotividade apaixonada do próprio Deus, de modo que não somente recebe o conhecimento dos planos de Deus na história, mas também lhe são transferidos certos estados afetivos do

²⁸ SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo. *Curso de espiritualidade: experiência, sistemática, projeções*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 71.

²⁹ TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MULLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da. *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 21.

coração divino: a ira, o amor, o cuidado, o horror e mesmo a perplexidade (Os 6.4; 11.8; Is 6.8).³⁰

A espiritualidade dos profetas sinaliza uma vocação especial para uma missão especial e difícil, envolvendo um alto grau de intimidade e fidelidade diante de Deus e, em sua presença recebe a Palavra de Deus e a entrega ao povo.

Para Von Rad o profeta Isaías por sua “vocação mostra claramente que este profeta foi revestido dum ministério de consolação, no qual a cura de alma exercia um papel importante; foi encarregado de “curar os quebrantados de coração” e de “proclamar a libertação aos cativos” (Is 61.1).³¹ Este texto têm a dimensão escatológica atribuída a Cristo, cuja missão foi ajudar os aflitos e pensar as feridas dos que tinham o coração ferido. Este ministério abrirá todas as prisões e libertará os prisioneiros e recuperará a visão dos cegos, uma nova forma de olhar Deus, o mundo.

1.2.6 Espiritualidade Sapiencial

A marca indelével da literatura sapiencial se desloca dos grandes eventos salvíficos e providentes de Deus para os acontecimentos da vida diária do povo, dos acontecimentos da natureza, com destaque para o elemento da sabedoria que é dom divino. A sabedoria é, por excelência, uma qualidade divina que pode penetrar a criatura humana, como penetra o cosmos. “Os que amam a sabedoria, amam a vida; os que a procuram, desde a manhã, ficarão cheios de alegria” (Ec 4.12). Assim se estabelece como que um liame nupcial entre o sábio e a sabedoria: “Pretendi tomá-la como esposa, enamorado de sua formosura” (Sb 8.2; cf. Pv 31.10-31). A espiritualidade sapiencial é, por conseguinte, alegre, otimista, é participação na dança cósmica da sabedoria divina.³²

Só tem sentido falar da sabedoria de Israel quando se dá ao conceito a amplitude que de fato tinha. O pensamento sapiencial tinha, para esse povo, um sentido humano geral. A sabedoria compreendia toda a vida e tinha aplicação em todas as áreas da vida [...] A sabedoria consistia, portanto, em saber que no fundo das coisas há uma ordem que as rege e

³⁰ RAD, 2006, p. 500.

³¹ RAD, 2006, p. 270.

³² BOMILCAR, 2005, p. 74.

que age de forma silenciosa e, muitas vezes, imperceptível em direção a um ajuste de equilíbrio.³³

Essa compreensão holística, com vistas à formação integral do ser humano contida na literatura sapiencial, que, de forma didática, consiste de exortações, posicionamentos éticos dos empregados e das pessoas nos seus relacionamentos diários, o equilíbrio diante da vida e a utilização prudente da palavra.

Outro tema abordado com ênfase na literatura sapiencial, componente fundamental da espiritualidade, é o conceito “Temor do Senhor”. von Rad salienta:

O temor do Senhor, isto é, a obediência em relação à sua vontade, é o princípio da sabedoria (Pv 1.7; 9.10; 15.33; Sl 111.10). O aprendiz da sabedoria era membro da comunidade cúltica; a sua vida se passava sob diversas relações com o culto que o comprometiam: ouvia, no templo, por ocasião das grandes peregrinações, a voz de Javé, que dava ordens e consolava.³⁴

Da mesma maneira, Kaiser afirma que “Este temor era um princípio orientador para todos os aspectos da vida e “todos os dias que na terra viverem” (Dt 4.10; 5.29; 14.23; 31.13; Pv 23.17).³⁵ Temer era um ato de entrega diário pela fé a Javé; uma relação de confiança entre Deus e seu povo.

1.2.7 Espiritualidade Sálmica

É no livro de Salmos que se encontra a descrição da experiência devocional, componente da mística do povo de Israel. Os diferentes tipos de salmos têm a finalidade de descrever os momentos diversos da realidade humana e sua resposta em relação a Deus dos seus sentimentos e experiências.

Calvino afirma as dimensões principais desse conjunto de experiências contidas nos Salmos assim:

Deparamo-nos com muitas manifestações da imensurabilidade, da majestade e das perfeições do único e verdadeiro Deus, seu governo do mundo e seu especial desvelo por seu povo eleito. Deparamo-nos com os mais variados exercícios da alma regenerada, e vêmo-la numa ocasião oferecendo ferventes súplicas Àquele que ouve as orações, e noutra celebrando suas perfeições e obras; numa ocasião dando expressão às

³³ RAD, 2006, p. 415.

³⁴ RAD, 2006, p. 420.

³⁵ KAISER, Walter C. Jr. *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1980. p. 173.

ardentes aspirações de amor a Deus e de confiança nele, e noutra se digladiando com a descrença e a corrupção; em certa ocasião pranteando sob a disciplina divina em decorrência do pecado, e noutra se regozijando sob o efeito da mercê perdoadora e desfrutando daquela paz que excede a toda e qualquer compreensão.³⁶

Nesse aspecto, percebem-se as dimensões teológico-práticas dos salmos expressadas nos mais diferentes momentos da interioridade humana, e de conteúdos espirituais vivenciados a parti do cotidiano do povo. Os salmos são a realidade da teologia prática, especialmente na experiência de Israel. Por isso, Serrano afirma que:

O próprio Deus havia colocado as bases para um tratamento desse tipo; o próprio Deus, nos primeiros tempos, tolerava e procurava canalizar os sentimentos de um povo que ia amadurecendo lentamente sua fé e sua compreensão da revelação de um Deus de infinito perdão e infinito amor.³⁷

Outro aspecto desta espiritualidade dos Salmos é a sua adoração, usados pelos israelitas desde os tempos de Davi. Schultz destaca que “a popularidade dos Salmos reside no fato de que refletem a experiência comum da raça humana”.³⁸ Os povos têm identificados suas experiências, suas lutas e desafios com as experiências e lutas dos salmos, com a busca pelo socorro divino, pela ansiedade, pela preocupação e pelo perigo eminente.

Neste sentido os salmos fazem parte do processo de crescimento e amadurecimento da fé, na caminhada com Javé. Eles não fecham esta relação e aprendizado, mas indicam as etapas de um processo pedagógico de crescimento espiritual.

1.3 Novo Testamento

Na perspectiva do Novo Testamento, será aqui destacada a espiritualidade de Jesus, a espiritualidade da Comunidade Cristã Primitiva, a espiritualidade Paulina e a espiritualidade Joanina, como referências para uma compreensão dos aspectos principais da espiritualidade do Novo Testamento.

³⁶ CALVINO, João. *O livro dos Salmos*, v.1. São Paulo: Paracletos, 1999. p. 15.

³⁷ SERRANO, Gonçalo Flor *apud* MARTINEZ, José Maria García. *Os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 21.

³⁸ SCHULTZ, Samuel, J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1980. p. 271.

1.3.1 A Espiritualidade de Jesus

Secondin salienta algumas perspectivas da espiritualidade de Jesus inseridas nos Sinópticos: “Antes de tudo, a da radicalidade, limpidamente formulada por Jesus ‘[...] deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito’” (Mt 5.48). As bem-aventuranças são, por excelência, o modelo desta atitude total em relação a Deus: o “espírito”, o “coração”, isto é, a raiz compreensiva e nascente de todo ser do homem, estão comprometidos, e não somente amplos espaços ou porções da vida, e são regulados por uma lei ainda que santa.

A própria síntese da Lei nos dois mandamentos “iguais” do amor é precisamente a identificação de uma perspectiva radical que regula toda a existência (Mt 22.34-40). A própria leitura da relação com Deus move-se neste sentido: ao Deus dos pobres, que sempre perdoa, que sempre ama, se responde com uma adesão sem reservas, sem temores, mas cheia de abandono e de intimidade. Não é por nada que a oração cristã é a mesma de Cristo: “Abba, Pai” (Mt 14.36; Lc 11,2).³⁹

Nos conteúdos compartilhados na perspectiva acima, evidencia-se que tais conteúdos estão fortemente presentes na espiritualidade de Jesus, como forma de convocar as pessoas para uma nova compreensão dessa nova realidade espiritual, como atitudes norteadoras para um *novo seguimento*.

A segunda perspectiva, no entendimento de Secondin, “é a *urgência* da decisão. Intimamente unida ao anúncio do Reino, está já na base das primeiras palavras de Cristo: ‘arrependei-vos e crede no Evangelho’ (Mc 1.15)”.⁴⁰ A “metánoia” é especificamente esta indicação divina, que significa: não olhar para trás (Lc 9.62), renunciando às riquezas (Lc 12.21; Mt 6.19-34), aos próprios vínculos afetivos e carnis (Lc 14.26), à própria vida (Lc 9.24), buscando a única tábua de salvação (Lc 16.1-8), único bem ao qual todos os outros nos são dados por acréscimo (Lc 6.33). A grande tentação é a das coisas: eis, por isso, o constante apelo de Jesus ao desapego do dinheiro e das riquezas, formalizado, sobretudo, por Lucas (Lc 6.21-24; 12.13-31; 16.9.14; 16.19-31; 18.22; 21.4; cf.18.24s.). A grande tentação é a da superficialidade e do sono: a primeira é bem exemplificada nas crianças das praças que estão em desacordo quanto ao jogo a fazer (Mt 11.16-19); a segunda, nos

³⁹ SECONDIN, 1993, p. 81.

⁴⁰ SECONDIN, 1993, p. 81.

apelos à "vigilância" e ao "estar despertos", ocultos no discurso escatológico (Mc 13; Mt 24; Lc 21).

Percebe-se que a proposta da espiritualidade de Jesus exige um novo pautar e um novo olhar dos que desejam segui-lo e que determinados caminhos precisam ser renunciados, evidenciando a necessidade de constante avaliação dos nossos procedimentos à luz do Evangelho de Jesus.

A terceira perspectiva, segundo Secondin,

é o cotidiano. Ilustrativos, neste sentido, são os dois componentes estruturais da figura de Jesus. De um lado, as suas palavras. Estas estão ligadas quase constantemente ao símbolo, à parábola, ao horizonte comum e cotidiano. O Reino de Deus está no meio de nós, portanto, transparece nos sinais do mundo e da História, nas aves do céu e nos lírios do campo, no banquete de um rei e na pobre casa de uma mulher que perdeu uma dracma, na crise de um filho rebelde e na paixão pela justiça de uma viúva, no trabalho dos agricultores e dos pescadores, e no grande gesto de amor de um samaritano, nos pecados perdoados de um publicano arrependido e na atividade condenada de um rico estulto [...] Mas Jesus revela a presença de Deus também com suas obras, isto é, nos milagres. Estes são como que parábolas em ação, nas quais o anúncio da salvação aos pobres, aos prisioneiros, aos cegos, aos oprimidos torna-se eficaz e operativo (Lc 4.18).⁴¹

Outro fundamento da espiritualidade de Jesus é o Reino de Deus, que segundo Secondin é "o coração do anúncio de Jesus: 'cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo'" (Mc 1.15).⁴² O reino é a esfera de domínio no qual o Rei reina. O tema central da pregação de Jesus nos Evangelhos sinópticos foi a pregação acerca da autoridade e soberania de Deus, inaugurando um novo tempo e uma nova proposta. "Falar do reino é fazer referência à infiltração de Deus na humanidade com o propósito de exercer seu eterno domínio e soberania sobre todas as pessoas e sobre toda a criação".⁴³

Neste sentido, nota-se a clara evidência deste domínio global em ação para todas as esferas da criação e da vida humana. Este domínio marca um novo tempo na proposta divina em Jesus Cristo para o ser humano. A espiritualidade cristã precisa ser inserida a partir desta nova realidade, para se tornar relevante e

⁴¹ SECONDIN, 1993, p. 82.

⁴² SECONDIN, 1993, p. 82.

⁴³ SEGURA, 2010, p. 14.

desafiadora, com vistas à proteção do rei sobre os desamparados, fraco e pobre, sobre as viúvas e órfãos.

1.3.2 A Espiritualidade da Comunidade Cristã

O livro de Atos é o histórico de toda a vida ministerial da Igreja Cristã sob a dinâmica do Espírito Santo que é derramado sobre todas as pessoas da Igreja.

A expressão *toda carne*, afirma Moltmann, “ultrapassa o gênero humano e se aplica a tudo quanto é vivo. A efusão do espírito de Deus leva, por conseguinte, ao renascimento de toda vida e de toda comunhão de vida sobre a terra”.⁴⁴ É evidente que esse derramar do Espírito é uma experiência na dimensão universal e não particular relativa à expressão “toda carne” (Atos 2.17-18), atingindo filhos, filhas, velhos, servos, servas. Esta manifestação da vida de Deus alcança a profundidade dos corações das pessoas; presença permanente, não mais histórica e passageira. A vida nova do crente é animada pela presença do Espírito Santo nele e na comunidade. O Espírito transforma a inata fraqueza da carne e estimula a resposta de amor que leva à prática do bem, superando as crises e as perdas, mediante a o poder de Sua graça.

O Pentecostes é ao mesmo tempo profundo e extenso, porque ele satisfaz a totalidade dos fatos da vida. Dá aos homens uma liberdade interior e uma visão mundial. A profundidade sem a extensão é estreita e a extensão sem a profundidade é superficial. O efeito de liberdade interior e exterior dominou todo o evento do pentecostes a partir do lugar mais simples (cenáculo), o mais comum dos lugares tornou-se universal, em relação à vida humana, o lar.

Isto significa que o pentecostes amplia o horizonte sagrado; ele sai do lugar único (templo) e vai para os lares; amplia sua liturgia, com o poder de viver cada dia e cada momento do que há de mais sagrado. Esse poder diário concedido pelo pentecostes renova nossas forças, fortalece nossa vida e nos dá o poder de superação para todos os momentos da vida.

Em Atos 2.42-47 é o retrato de toda a espiritualidade vivida pelos primeiros cristãos, especialmente aqueles que foram impactados pelo evento do Pentecostes.

⁴⁴ MOLTSMANN, 1998, p. 64.

Neste texto estabelece um programa de vivência espiritual, cujas atitudes e resultados dessa nova vivência fundamenta-se na doutrina dos Apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações, no temor a Deus, na manifestação de sinais e milagres, no suprimento de necessidades, nas relações mútuas do templo que se estendiam até as casas, numa afirmação concreta de atendimento das necessidades do outro.

Secondin destaca quatro pontos firmes dessa espiritualidade da comunidade cristã: “O primeiro é o ‘didaché’, a catequese (At 5.28; 17.19)”. Trata-se de uma formatação perfeitamente cristológica documentada por uma coleção de discursos distribuídos ao longo do livro (At 2.14ss; 3.11ss.; 7; 10; 13.16ss. 17; 20.17ss.; 22.1-11; 24.10ss.; 26). De um lado, os discursos são querigmáticos. Cumprem, portanto, uma função missionária (Rm 10.14-16).

Por outro lado, porém, enriquecem e aprofundam a vida interior de fé do crente (sobretudo, At 20.17ss). Trata-se de uma catequese sólida, ancorada no “depósito” da fé (1 Tm 6.20; 2 Tm 1.12-14) que não deve ser adulterado (2 Co 2.17) com sucedâneos de ‘fábulas ímpias, coisas de pessoas caducas’ (1Tm 4.7). Uma catequese fundamentada na Bíblia, como atestam as citações veterotestamentárias. A representação mais significativa poderia ser a da aparição lucana em Emaús, no qual o Cristo pascal “começando por Moisés e por todos os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (Lc 14.27) para chegar à Eucaristia. Nesta escuta, “o coração arde no peito” do discípulo (Lc 24.32). Uma catequese que não é fria elaboração ideológica, mas aplicação espiritual cotidiana, como atestam os “códigos” presentes no epistolário paulino (Ef 5.12ss.; Cl 3.5ss.; 1 Tm 2.1ss; Tt 2.1ss.) Uma catequese que é sustentada pelo próprio Deus (1 Co 1.6), e é alimentada com “a alegria do Espírito Santo, apesar das numerosas tribulações”(1 Ts 1.6).

O segundo dado é a “Koinonia”, elemento exaltado entusiasticamente nos Atos dos Apóstolos (At 2.44ss; 4.32-35): quem violar este compromisso de comunhão fraterna, como parece sugerir o relato de Ananias e Safira (Atos 5), é automaticamente “excomungado” e considerado “morto” pela comunidade. Os cristãos são reiteradamente apresentados como tendo “um só coração e uma só alma”, expressão esta, usada pelo deuteronomio para adesão a Deus e à Lei (Dt 4.29; 6.5s.; 10.12; etc.).

Esta ‘unanimidade’, esta “con-córdia” é típica da espiritualidade autêntica: “[...] estais firmes num só espírito, lutando juntos, com uma só alma [...] pondo-vos acordes no mesmo sentimento (sympsychoi), no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento” (Gl 1.27; 2.2). A raiz é certamente

teológica, é a “Koinonia” com o corpo de Cristo (1Co 10.16s.) é participação no mesmo batismo libertador, é filiação divina comum entre os fiéis. Ainda que existam modelos estóicos e pitagóricos ou judaicos (os essênios) ou bíblicos (Dt 15.4s.), a espiritualidade “da comunhão” neotestamentária é nova em sua estrutura. E a “koinonia” expande-se e floresce no compromisso social. É eficaz e real no seio da sociedade, embora sendo vivenciada, antes de tudo, pelas Igrejas em particular. Lembremos a ação dos diáconos (Atos 6), na coleta em favor de Jerusalém, organizada por Paulo (Cl 2.10; 1 Co 16.1-3; 2 Co 8-9; 12.16-18; At 11.29-38), mas também rigoroso discurso social de Tiago (tg 2.1-13; 4.13- 5.6).

A espiritualidade ativa da “Koinonia” substitui a lógica do interesse próprio e mesquinho, e concede a lógica da doação e da solidariedade. E “há mais felicidade em dar do que receber”, dirá Paulo em At 20.35, citando um *agraphn* de Jesus. Precisamos, como faz “José, a quem os Apóstolos haviam dado o cognome de Barnabé [...], Sendo proprietário de um campo, vendeu-o e entregou o dinheiro, depositando-o aos pés dos Apóstolos” (At 4.36s.).

Intimamente relacionada à “koinonia” está a “fração do pão”, o terceiro componente da vida da Igreja. A comunhão com Cristo e a comunhão com os irmãos interagem fortemente, como Paulo frisa em 1 Co 10-11. Sem o “agapé/Koinōnia fraterna”, o “ágape/Koinonia com Cristo e com seu corpo” torna-se um sacrilégio. A tradição eclesial repetiu ininterruptamente, através dos séculos, o liame entre Eucaristia e vida, entre liturgia e eucaristia e vida. A “fração do pão” torna-se por isso, o rito específico que a comunidade cristã celebra “no primeiro dia da semana” (At 20.7; cf. Lc 24.30,35). O amor “histórico” pelo irmão ou pelo presente e eclesial de Cristo conjuga-se com o amor “eterno” por Cristo ressuscitado. A “Koinonia” histórica e “Koinonia” escatológica vivem juntas no “partir o pão” do Senhor.

A última coluna do edifício espiritual da Igreja, segundo At 2.42, é a das orações (Lc 24.53). A assembleia orante dos primeiros cristãos aparece frequentemente nos Atos dos Apóstolos: “Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas [...] Pedro e João estavam subindo ao Templo para a oração da hora nona [...] Costumavam estar, todos juntos, de comum acordo, no pórtico de Salomão” (At 2.46; 3.1; 5.12). É uma oração ancorada nas próprias raízes espirituais, mas floresce, também, nas novas situações, assim como na perseguição: “unânimes, elevaram a voz a Deus” (At 4.23-31) para implorar o dom da “parresía”, isto é, da *liberdade e franqueza* em anunciar a mensagem

cristã ao mundo (At 4.29). Nos Atos, todos rezam: os Apóstolos, para os quais a prece é uma das tarefas qualificadas (At 6.4); rezam Cornélio (At 10.2,30), Pedro (At 10.9), Saulo (At 9.11; 22.17), Estevão (At 7.59s). Nos Atos, reza-se nos momentos decisivos: para a eleição de Matias (At 1.24) e dos diáconos (At 6.6), por Barnabé e Saulo (At 13.3), pela eleição dos presbíteros das novas comunidades (At 14.23). Reza-se durante as perseguições (At 4.23-30; 12.5-12; 16.25), nas despedidas (At 20.36; 21.5). Das 86 menções que o Novo Testamento faz da oração, 35 são de Lucas, no seu Evangelho e nos Atos dos Apóstolos.⁴⁵

1.3.3 *Espiritualidade Paulina*

Dá para perceber categoricamente pelos escritos paulinos certa ênfase na morte e ressurreição de Cristo, conforme estabelece 1 Coríntios 15.3-4: “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”. Esse é o ensinamento que a Igreja não pode negociar, pois ele é fundamental para o testemunho cristão da esperança e a preservação da tradição apostólica.

Ridderbos salienta que “[...] é de máxima importância compreender o significado da morte e ressurreição de Cristo, que são o centro da proclamação de Paulo, como uma unidade inseparável; e, particularmente, não perder de vista como o significado da ressurreição é determinado pelo significado de sua morte e vice-versa”.⁴⁶ Percebe-se que a afirmação de Ridderbos promove a morte e ressurreição de Cristo, como dois conceitos complementares, que não podem ser separados. A morte de Cristo é salientada pelo Apóstolo como parte integrante da sua pregação, em 1 Co 2.2 “Porque nada decidi saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado”.

Essa ênfase paulina na morte e na ressurreição de Cristo, que dá toda viabilidade para o desfrute pleno da salvação, como sinal evidente de esperança para os filhos do Reino, sendo o próprio Apóstolo alvo desta graça, conforme a narrativa de Atos 9. Barth afirma:

⁴⁵ SECONDIN, 1993, p. 84-86.

⁴⁶ RIDDERBOS, Hermann. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 56.

A graça é o conhecimento do que Deus quer; ela é idêntica ao “querer” da vontade de Deus, porque ela é o Poder da ressurreição. A graça é o reconhecimento da verdade de que o homem é conhecido por Deus; é mediante a graça que o ser humano toma conhecimento de sua existência em Deus, essa existência que Deus evidencia, que Deus dirige, e que repousa nele; a existência que está além de todos os predicados humanos e de todo o conteúdo que a presente.⁴⁷

Neste sentido, a conversão paulina se molda nesta verdade da vontade de Deus em lhe transformar num vaso escolhido para levar o seu nome perante os gentios. Ali no caminho de Damasco ele se descobre, renuncia-se a si mesmo, aos seus projetos e se lança nos braços amorosos do Pai. Esse conhecimento de Deus, revelado neste encontro no Caminho lhe dá novos horizontes, especialmente para conduzir a sua vida sob uma nova obediência, sob um novo padrão, para um novo alvo e tudo agora para a glória de Deus, conforme I Coríntios 10.31. Essa nova obediência em Cristo vai torná-lo subserviente a Deus em todas as áreas do seu cotidiano no experimentar da boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Com essa nova obediência “em Cristo” ele tem uma mudança radical em termos de direção e orientação da sua vida.

No chamamento paulino está a evidência sua própria experiência de vida, que se tornou o tema da sua própria pregação, com vistas a desafiar cada cristão a alcançar essa maturidade espiritual em Cristo; esse era o desafio pessoal e dinâmico de se apropriar desta salvação plena, conforme Filipenses 3.9-15. Para Barth:

o conceito de vida cristã não é a tentação da carne que ainda existe, mas o poder do Espírito conquistando todo o pecado. A ideia de que o crente deve ficar firme num pequeno começo, certamente não está em concordância com seus pronunciamentos indicativos e imperativos sobre a perfeição. Antes, por meio desses pronunciamentos ele aponta para o futuro e, em momento algum, parte da ideia de que a igreja já alcançou um estado de ausência de pecado ou que pode se acomodar. Ele fala de uma posse non peccare (capacidade de não pecar) e não de um non peccare (não pecar) e, muito menos ainda, de non posse peccare (incapacidade de pecar) como retrato da vida cristã. É a fé no poder e na fidelidade de Deus (I Tes 5.24) e não o resultado moral alcançado pela Igreja, que faz com que o apóstolo coloque diante da Igreja o mandamento e objetivo final de apresentar-se irrepreensível e imaculada em meio às tentações e imperfeições do presente.⁴⁸

⁴⁷ BARTH, Karth. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 1999. p. 320.

⁴⁸ HIDDENBOS, 2004, p.305

1.3.4 Espiritualidade Joanina

A espiritualidade Joanina difere dos conteúdos abordados pelos demais evangelistas, designados de Sinópticos, pois João tem seu estilo simples e conteúdo peculiar, todavia não menos profundo teologicamente do que os demais evangelistas. Tal peculiaridade Joanina se evidencia em I, II, III João como também em Apocalipse.

Secondin afirma:

E é precisamente sobre uma série de verbos e sobre o seu valor simbólico que podemos tentar elaborar um esboço sintético da espiritualidade Joanina, com referência, sobretudo ao Evangelho de João e à I João. Na raiz de tudo está naturalmente a Encarnação “E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.1-4) o fundamento constitutivo da salvação e, portanto, de qualquer experiência espiritual.⁴⁹

É evidente que a doutrina da encarnação é um dos pilares da espiritualidade Joanina, como o mergulho do Pai em nós e na nossa história, tornando-se o modelo, a referência de Deus na pessoa de Jesus Cristo. É um ver a Deus e a Sua glória na pessoa de Jesus Cristo, pois o próprio Jesus afirma: “Quem vê a mim vê o Pai”.

Outro componente importante na espiritualidade Joanina é o amor. Esse amor é designado como *Ágape*: amor sacrificial. Esse amor torna nossa espiritualidade distintiva e testemunhal, conforme João 13.34-35: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos; se tiverdes amor uns aos outros”. Torna-se evidente que esta característica Joanina é enfática e comprometedora pela sua força recíproca, na expressão distintiva de seu Evangelho “uns aos outros”, isto é, esse amor que amou o mundo veio do Pai, na pessoa de seu filho Jesus Cristo, mas que continua se manifestando ao mundo na vida de seus seguidores.

O verbo “permanecer” também tem a sua importância vital na conjuntura da espiritualidade Joanina, conforme Secondin:

Emblemática é a simbologia da Videira e dos Ramos (Jo 15.1-17), sustentada precisamente por este verbo que é usado no indicativo,

⁴⁹ SECONDIN, 1993, p. 88.

expressando, desta maneira, uma presença já atuada (a famosa escatologia realizada de Jo 3.18; 5.24) e no imperativo, exprimindo, assim, também uma presença a ser conquistada e a ser atuada em plenitude: “Se observais meus mandamentos, permaneceréis no meu amor [...] Permanecei em mim (Jo 15.4ss.10). É um “permanecer” recíproco do Cristo e do fiel: Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele (Jo 6.56).⁵⁰

O último destaque Joanino dessa espiritualidade desafiadora está na realidade do Espírito, especialmente na metáfora do vento, conforme João 3.8, que não somente fala da nossa participação da mística divina, como também.

1.4 Os Essenciais Teológicos da Espiritualidade

Nesta abordagem trataremos desses essenciais teológicos da espiritualidade como elementos vitais, sem qualquer pretensão de estabelecer uma dicotomia entre os elementos vitais da teologia e da espiritualidade, pois entendemos de ambas se complementam; essa relação é inerente e essência; ambas são parceiras. Sheldrake enceta que:

A teologia que não se relaciona com a espiritualidade inevitavelmente se torna abstrata, desengajada, racionalista e tende para uma preferência exclusiva pela linguagem filosófica. Entretanto, a espiritualidade desengajada da teologia não só corre o risco de tornar-se devocionismo acrítico como também perde contato com a “grande tradição” de fé mais ampla que a teologia, na melhor das hipóteses, procura representar.⁵¹

Sendo assim, destacaremos esses essenciais teológicos como elementos vitais dessa relação saudável e necessária da espiritualidade com a teologia.

1.4.1 Uma Espiritualidade Trinitária

Esse essencial da espiritualidade trinitária fornece a chave para toda a vivência e valores da vida cristã. O Deus trinitário é um Deus relacional em amor e de entregas mútuas das pessoas da trindade entre si.

Essa qualidade relacional da trindade é o modelo referencial para os relacionamentos humanos em todos os sentidos. Nessa visão relacional a trindade é o fundamento. “Quando o homem, pela fé, experimenta como Deus o

⁵⁰ SECONDIN, 1993, p. 90.

⁵¹ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 113.

experimentou e ainda o experimenta, então Deus deixa de ser a causa abstrata do mundo ou a origem desconhecida do seu sentimento de total dependência, passando a ser Deus vivo, Deus que sofre conosco, Deus que sofre em nós, Deus sofre por nós”.⁵² Essa experiência revela o Deus trinitário. Sheldrake compreende que:

A comunhão faz com que as coisas sejam e nada existe sem ela, nem mesmo Deus. A unidade de Deus consiste no inter-relacionamento de pessoas em relações livres e de amor. Esse entendimento de Deus é particularmente rico em possibilidades para uma teologia e espiritualidade da pessoa e da comunidade. “Uma pessoa” não é uma categoria auto-relacional. Tanto a particularidade como a relação são estruturas na própria natureza de toda a realidade criada, inclusive as pessoas humanas.⁵³

Essa característica da espiritualidade trinitária é de fundamental importância para a prática cristã, pois exclui toda e qualquer individualidade, tão presente e distintamente enfatizada em nossos dias. Não há essa independência, pois todos nós nos completamos no outro; essa é a mensagem do Evangelho, e essa é também a essência de Deus.

No texto bíblico de Mateus 3.13-17, por ocasião do evento batismal e histórico de Jesus, verifica-se esse caráter relacional e íntimo da Trindade Deus Pai, Filho e Espírito. Muito especialmente da história do Filho com seu Pai. Esse entendimento trinitário é revelado pelo Filho quando demonstra a si mesmo como o Filho do Pai. O Espírito participa desse evento como aquele que testemunha como o anunciante de todas as coisas do Filho, pois Ele dá plena visibilidade histórica acerca da missão do Filho. Essa comunhão do Pai e do Filho é demonstrada aos seres humanos pelo Espírito Santo, a fim de que eles participem dessa comunhão trinitária.

Moltmann argumenta que “na história do Filho, a trindade apresenta os seguintes elementos: O Pai envia o filho, através do Espírito. O Filho procede do Pai, na força do Espírito. O Espírito conduz os homens ao seio da comunidade do Filho com o Pai”.⁵⁴

⁵² MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 20.

⁵³ SHELDRAKE, 2005, p. 105.

⁵⁴ MOLTSMANN, 2000, p. 88.

Portanto, a Espiritualidade triunitária é um jogo de relações e que reconhece essa comunhão nascida da experiência triunitária, que fornece todo o horizonte para a prática da espiritualidade na vida cristã.

1.4.2 Uma espiritualidade Ecológica

A dimensão ecológica da espiritualidade é compreensão de que nada está desconectado, mas que tudo se relaciona com as coisas existentes, entre si e com tudo o que existe. Boff afirma:

Numa visão ecológica, tudo o que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infinita de relações omnicompreensivas. Nada existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos. Tem futuro não simplesmente o maior e o mais forte, mas o que tiver mais capacidade de relação e disponibilidade de adaptação.⁵⁵

Vê-se que nessa afirmação de Boff a espiritualidade ecológica é um novo paradigma, e a busca desse equilíbrio fundamental para toda a vivência humana, na sua capacidade de se relacionar e de desenvolver uma espiritualidade holística, que exclui todo discurso dualista, dicotômico entre o espiritual/social; fé/razão, pessoa/natureza, nos convoca a buscar o integrado e não o fragmentado, com vistas a uma grande transformação. Boff salienta: “Somente assim a sociedade será plenamente humana. O ser humano necessita tanto de pão quanto de beleza. Deve realizar o possível e ainda um pouco do impossível, pois é chamado sempre a ultrapassar os limites e a transgredir as barreiras impossíveis”.⁵⁶

Essa espiritualidade ecológica propõe uma nova atitude que coloca a vida no centro de todas as coisas, contra todas as tentativas e os mecanismos de morte, como também nos desafia a alimentar continuamente essa espiritualidade a partir dessa compreensão de relação com todas as coisas que se inter-relacionam, bem como, a de restaurar a teologia da criação, em detrimento da redenção, pois uma teologia da criação nos ajudará a encontrar o verdadeiro sentido de uma teologia de redenção.

⁵⁵ BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993. p. 15.

⁵⁶ BOFF, 1993, p. 33.

Essa corresponsabilidade ética da ecologia com a espiritualidade e vice-versa busca essa integração contínua e uma sensibilidade para estancar esse *déficit* ecológico para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

1.4.3 Uma Espiritualidade Mística

A Espiritualidade Mística está voltada para o mundo interior, para o coração, mediante a qual se percebe todas as coisas. É o cultivo de todo este espaço interior para entender e vivenciar todas as realidades, bem como ter as condições de toda superação.

É nesse sentido que Boff afirma:

Tanto a mística como a espiritualidade partem de outra plataforma: não do poder, nem da acumulação, nem do interesse, nem da razão instrumental. Arrancam do coração, da razão sacramental e simbólica, da gratuidade do mundo, da relação, da comoção profunda, do sentido de comunhão que todas as coisas guardam entre si, da percepção do grande organismo cósmico, pervadido de acenos e sinais de uma Realidade mais alta e mais plena.⁵⁷

Em Jesus temos o modelo desta mística, quando da sua experiência de se sentir Filho de Deus, quando se expressou “Abba” que nasce da experiência dos infantes na relação com seus pais e avós. Segundo Boff, “Traduz confiança, entrega, enternecimento e total aconchego. Abbá significa simplesmente “meu querido paizinho”. Abbá-Paizinho tem todas as características da mãezinha.⁵⁸

Willard fala da obediência e abundância como aspectos inseparáveis da mesma vida:

A obediência do reino é a abundância do reino. Não são duas coisas separadas. O estado interior da alma do qual fluem a força, o amor e a paz é exatamente o mesmo estado que generosamente abençoa o opressor e que, com amor, oferece a outra face. Essas condutas de imitação de Cristo são expressões de uma penetrante força pessoal e sua alegria, não de fraqueza, morbidez, pesar – ou de uma vontade débil -, como muitas vezes se supõe.⁵⁹

⁵⁷ BOFF, 1993, p. 40.

⁵⁸ BOFF, 1993, p. 40.

⁵⁹ WILLARD, Dallas. *A conspiração divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001. p. 343.

Percebe-se que a obediência é o resultado da fé comprometida com Cristo e a sua palavra. Muitas pessoas cristãs estão dentro dessa caminhada. É isso que qualifica a vida cristã, como uma vida de relacionamento duradouro com Deus, através de Jesus Cristo, aprendendo com ele a viver a nossa vida e como ele a viveria se estivesse em nosso lugar? Somos desafiados a um mergulhar profundo na pessoa de Deus, a fim de se estabelecer um *modus vivendi* que venha a glorificar o nome de Jesus Cristo.

1.4.4 Uma teologia mais espiritual e uma espiritualidade teológica

A Igreja brasileira precisa de uma teologia que oriente e motive o cristão a um relacionamento com Deus, que leve o povo de Deus a buscar mais o Senhor em oração e à Sua palavra, que seja envolvente, inspiradora e desafiadora, e não apenas tenha o foco na dimensão acadêmica. Ela precisa ser integradora e não alienante.

É necessário realinhar as nossas escolas de teologia à prática pastoral e aos seus desafios mais prementes.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, através da sua Junta de Educação Teológica sinalizou cinco (5) garantias básicas do ensino teológico: “Garantia de expressão confessional, garantia de universalidade do ensino teológico, garantia de liberdade de expressão dentro dos princípios da fé reformada, garantia de qualidade e garantia de aplicabilidade do ensino às necessidades da Igreja”.⁶⁰

Neste sentido a Igreja Presbiteriana do Brasil está tentando readequar a sua realidade teológica com a realidade e os desafios da vivência da Igreja, em seu contexto local, como agência do reino, na tentativa de qualificar a espiritualidade. O candidato ao ministério pastoral deve estar orientado para esse enfrentamento da Igreja, sem, contudo, ser do mundo, como ensina nosso Senhor Jesus Cristo, buscando um equilíbrio da transcendência e imanência.

As afirmações de Barbosa são compatíveis com os preceitos anunciados pela Igreja Presbiteriana do Brasil quando afirma:

⁶⁰ OLIVEIRA, Marcos Cavalcante de; HACK, Osvaldo Henrique. *Educação Teológica Presbiteriana*. São Paulo: Mackenzie, 2002. p. 57.

Precisamos também integrar a Teologia com a vida. Para isso ela precisa ser mais espiritual. Não significa espiritualizar a teologia, mas reconhecer sua personalidade e o significado da encarnação de Cristo na pessoa de Jesus Cristo. A encarnação tira a Teologia da prateleira e a coloca no coração, na mente, nos relacionamentos, na vida, nas decisões, nos afetos, nas paixões, nas escolhas, enfim em tudo. Tornar a Teologia mais espiritual é torná-la mais pessoal, mais comunitária e mais missionária.⁶¹

Por outro lado, uma teologia mais espiritual precisa focar o caminho da oração, do jejum, da evangelização, da sabedoria e dos elementos que enfatizem o fazer do que o ser, invertendo a contemplação pela ação. Precisamos de uma espiritualidade que dê importância à história humana e a existência material, que ilumine e oriente toda a vida de uma pessoa de fé, pelas trilhas do mundo a caminho do Reino de Deus.

No presente contexto de mundo globalizado precisamos de uma teologia e espiritualidade que dê respostas às questões de um viver com esperança, numa nova pastoral, numa participação diaconal diante da vida e numa doxologia relevante a partir de uma perspectiva bíblica de fazer e ser tudo para a glória de Deus.

1.4.5 Uma espiritualidade Transcendente e Imanente

A abordagem do tema a seguir será focada a partir da realidade da Encarnação de Cristo, como modelo para a nossa vida e missão no mundo.

Os Evangelhos Sinópticos fazem a descrição da vivência de Jesus como homem, mas também de suas manifestações com Deus.

O Evangelho de João inicia a sua descrição falando de uma perspectiva da eternidade. No capítulo 1.1-14:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. E o verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como a do unigênito do Pai. Esta afirmação de João que o verbo era Deus é deveras importante neste Evangelho. Há uma ligação deste com o Gênesis na afirmação de que Jesus estava no princípio com Deus. O verbo se fez presente e participou de toda a obra da criação. Ele era o Verbo criador e sustentador de todas as coisas.

⁶¹ BOMILCAR, 2005, p. 21.

Esse Deus se fez carne, se fez humano, se fez gente, exceto no pecado, mas também abriu a sua tenda entre nós, participou de todas as dimensões do nosso viver: casa, trabalho, cidade, dor, fome, frio, angústia, perigo, tribulação, crises, desamparo. Ele fixou a sua residência entre nós. O que fez todas as coisas tornou-se humano. Está incluso nesta encarnação, com a plena manifestação de Deus, na expressão inaudita do seu amor indestrutível e imensurável, porém ao nosso alcance de ver a manifestação da sua glória, glória como a do unigênito do Pai.

Temos diante de nós uma espiritualidade de nos convida permanentemente a encarnar a presença de Cristo, como referencial de esperança para a nossa gente. A imanência tem o seu referencial concreto na descrição dos elementos contidos no texto bíblico de Filipenses 2.5-8, como um texto essencialmente cristológico.

1) “Sendo na forma de Deus [...]”: forma é a plena realidade de Deus ou a glória de Deus. Ele era Deus, igual a Deus. Jesus era tão plenamente Deus como o Pai e tão plenamente homem como cada um de nós, exceto no pecado. Ele desce por amor, chegando a morrer como um ladrão.

2) “Se despojou de si mesmo [...]”: esvaziou-se. Ele não buscou ser igual a Deus, embora fosse Deus.

3) Obediência de servo: este é o verdadeiro caminho da espiritualidade, a de servir no caminho, tendo como referência maior Jesus Cristo, um servo em total dependência de Deus.

4) Plenamente humano: só Deus que nos criou sabe ser plenamente humano. Ele conhece toda a nossa essência.

Portanto, temos sobejamente essa relação indissociável que caracteriza essa espiritualidade transcendente e imanente de Deus, como modelo de toda a nossa ação espiritual.

2 RESILIÊNCIA

Neste capítulo, a abordagem será pautada no assunto da resiliência em face da sua importância na vida das pessoas, oferecendo-lhes oportunidades para ser melhor, para se refazer e de se reorientar diante de situações de extremas da vida.

Neste sentido, chamou a minha atenção para esta temática, pois a resiliência oferece uma nova postura no enfrentamento de situações traumáticas, no âmbito pessoal, familiar e social, com uma capacidade de superação e de continuarem caminhando, apoiados nos fatores de proteção e nos seus pilares.

2.1 O que é Resiliência

Faz-se necessário aqui abordamos algumas definições de resiliência, quais sejam: 1) “é a habilidade para ressurgir diante das adversidades, adaptar-se, recuperar-se e aceder a uma vida significativa e produtiva”.⁶² Nota-se que nesta descrição do conceito de resiliência, como a capacidade de um renascer diante das adversidades, com uma nova disposição para levar a vida com muita positividade, sem trauma algum. 2) “É o enfrentamento efetivo de circunstâncias e eventos de vida severamente estressantes e acumulativos”.⁶³ Aqui se pontua de maneira significativa a resiliência como capacidade de enfrentar as situações adversas e superar tais circunstâncias, vencendo todos os obstáculos em todas as suas dimensões. A seguinte:

3) Resiliar [résilier] é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [rebondit (se desenvolve depois de uma pausa)]e se (re)constitua.⁶⁴

Diante das definições acima, gostaríamos de destacar o aspecto desta proposta de recuperação e de continuar caminhando, depois de uma situação de crise, a capacidade de resistência e diante dos desafios da adversidade, bem como a motivação para prosseguir rumo a uma vida de realização plena. Evidencia-se que

⁶² KOTTLIARENKO, M. A.; CÁCERES, I; FONTECILLA, M. Estado de Arte em resiliencia. Organización Panamericana de La Salud: *Oficina Sanitaria Panamericana: Oficina Regional de La Organización Mundial de La Salud*, 1997. p. 5.

⁶³ KOTTLIARENKO; CÁCERES; FONTECILLA, 1997, p. 5.

⁶⁴ THEIS, Amandine. La resiliencia en la literature científica. In: MANCIAUX, Michel (Org.). *La resiliencia: resistir y rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 50, 316.

a pessoa durante esta experiência passa por processos de profunda transformação de cada sentimento vivenciado e muito aprendizado diante destas intempéries.

2.2 Fundamentos da Resiliência Comunitária

A Resiliência comunitária tem o seu foco mais preciso na realidade social da América Latina do que na Europa, pois naquela verifica-se toda a sua realidade de pobreza e toda sorte de discriminação.

Observamos que diante de tal realidade a resiliência ganha uma dimensão social e coletivamente muito significativa, pois vai dar um mapeamento das ações e das relações dos grupos sociais diante da situação enfrentada, privilegiando os valores éticos de cada grupo.

Uma comunidade precisa descobrir diariamente esses elementos indispensáveis na construção de uma sociedade integradora, fraterna e solidária, que se ajuda mutuamente, sem, contudo perder os elementos de sua identidade própria, lutando contra os fatores que querem distanciar cada grupo de sua realidade social, fortalecendo seus potenciais integradores.

O fortalecimento da identidade grupal nem sempre leva a ações solidárias. Portanto,

alguns autores assinalam a aparente autonomia entre comunidade e sociedade. À medida que um grupo específico reforce sua identidade grupal na luta ou diferenciação agressiva em relação a outros grupos, o conceito restritivo pode ser um obstáculo para a integração da sociedade ou para a constituição de uma nação. Não obstante, se a identidade grupal se estruturar como afirmação das próprias características como repúdio das características alheias, associada à fixação regressiva e arraigada, ela poderá conduzir a discriminações inaceitáveis (como o uso de designações depreciativas para estrangeiros, etc.).⁶⁵

Por isso, qualquer sociedade precisa estar consciente dessa necessidade de mutualidade e reciprocidade comunitárias, com vistas superar e atacar os efeitos nefastos dos elementos da política neoliberal da globalização.

Em face disso, gostaria de destacar os elementos essenciais de uma resiliência comunitária.

⁶⁵ HOCH, Lothar Carlos et al. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 35.

2.2.1 Solidariedade

As ações solidárias de uma comunidade são indispensáveis para a superação de adversidades, como uma unidade que faz toda a diferença, diante de uma situação de crise vivenciada. Estas ações destacam também o aspecto diaconal da comunidade, pois desafia cada área de profissionais da sociedade a se integrar, buscando uma relação saudável e necessária, visando atender ao *outro*, como uma dimensão significativa da ação solidária, considerando a característica transcendental do ser humano.

A Igreja que também é comunidade está disposta a confessar em alguma medida a sua responsabilidade pelo mundo tal como é, bem como a se dispor cada vez mais para conhecê-lo, em face de seu profundo sentimento de solidariedade.

A solidariedade é um dos componentes essenciais da capacidade resiliente de uma comunidade, em face de situações de calamidade, catástrofe e epidemias. Neste sentido entende-se solidariedade como “adesão à causa ou empreendimento comum ou de outros, com um fio comum a todos”⁶⁶. É uma maneira de existir, de cuidar da nossa própria humanidade. Precisamos recuperar a nossa própria essência, pois quando nos afastamos do *outro*, afastamo-nos de nós mesmos.

Algumas comunidades transformam a solidariedade em regra de conduta, em dever moral e até em obrigação jurídica. Não é por mera coincidência que Barcelona seja mencionada como exemplo de cidade resiliente e, desde 1906, tenha um movimento político de grande força chamado Solidaridad Catalana. Essa atitude solidária manifesta-se nas cidades que souberam superar prontamente as adversidades físicas ou sociais sofridas e que mostraram suas capacidades de se reconstruir, desenvolver, alcançando um nível aceitável de bem-estar.⁶⁷

Boff avalia que:

O desenvolvimento social visa melhorar a qualidade de vida enquanto humana. Isso implica em valores universais como a vida saudável e longa, educação, participação política, democracia social e participativa e não apenas representativa, garantia de respeito aos direitos humanos e de proteção contra a violência, condições para uma adequada expressão simbólica e espiritual. Tais valores somente se alcançam se há um cuidado na construção coletiva do social, se há convivialidade entre as diferenças, cordialidade nas relações sociais, compaixão com todos aqueles que sofrem ou se sentem à margem, criando estratégias de compensação e de

⁶⁶ HOCH, 2007, p. 37.

⁶⁷ HOCH, 2007, p.37-38.

integração. Cuidado especial merecem os doentes, os idosos, os portadores de algum estigma social, os marginalizados e excluídos.⁶⁸

2.2.2 *Honestidade Estatal ou Administrativa*

Essa honestidade é de fundamental importância na administração da gestão pública decente, especialmente em uma situação de calamidade a fim de gerar confiança, pois sem esta a solidariedade fica atrofiada. “A tradição de honestidade pública gera confiança nas instituições e favorece a capacidade de recuperação frente às catástrofes. Nas pesquisas internacionais, o país em desenvolvimento melhor colocado no tocante à “confiança nas instituições jurídicas” é a Índia. Dos países da América Latina, somente Brasil e Chile figuram entre os primeiros 20 colocados; México ocupa uma posição intermediária e a Argentina se encontra entre os piores colocados. Esse pilar ganhou peso na última década e parece cada vez mais importante no perfil de resiliência comunitária no mundo todo.”⁶⁹

Na América Latina, apesar dos avanços nos últimos anos, verifica-se que há muito ainda para fazer e conquistar, desde as Instituições públicas em seus variados segmentos, como também demais setores da sociedade organizada precisam avançar em níveis maiores de credibilidade, na administração destes valores e sua aplicabilidade nas áreas de necessidade, contribuindo para uma honestidade responsável e uma comunidade mais solidária, especialmente em momentos de crise.

Ainda que vários países da América Latina tiveram avanços no desenvolvimento econômico, os demais elementos não acompanharam o mesmo progresso, tais como: moral para com os impostos, a valorização do trabalho, a fraude social, etc. A confiança e os níveis de tolerância diminuem ou alcançam uma velocidade muito lenta de mudança, criando grandes tensões no seio da sociedade. A mudança que se notou foi no âmbito estrutural, contudo, sem a real resposta de confiança da comunidade, com a gestão decente e transparente. O resgate desta credibilidade é fundamental para a conjugação de esforços e a participação da comunidade em todos os projetos de reconstrução.

⁶⁸ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003., p. 138.

⁶⁹ HOCH, 2007, p. 38.

Tal honestidade precisa continuar sendo implementada com consciência do valor das garantias individuais, da participação cada vez mais efetiva da sociedade civil, do envolvimento comunitário, através de mudanças pacíficas. É preciso ampliar a participação cidadã, como requisito para aspirar ao êxito e para abrir novos caminhos de ajuda e crescimento mútuo.

Isso se alcança através de um diálogo franco e aberto com a sociedade, como um caminho cada vez mais crescente, a fim de restituir, salvaguardar e acrescentar a credibilidade necessária para cimentar e conduzir a vida nas suas mais variadas dimensões, gerando uma convivência honesta e solidária.

2.2.3 Identidade cultural

Essa identidade cultural postura persistente de toda a comunidade social, mesmo atravessando circunstâncias adversas e contextos de muitas turbulências, sem perder seus laços culturais essenciais. “Trata-se de um processo interativo alcançado ao longo da história e que implica a incorporação e a valorização de costumes, culinária, locuções idiomáticas, danças, canções próprias de um grupo humano e que passam a ser elementos inerentes do mesmo”.⁷⁰

Esta identidade cultural caracteriza-se pelo modo de agir, falar, de alimentar, de sentimentos religiosos, do folclore de uma determinada cultura ou grupo social e estes valores fortalecem o sentimento de identidade do grupo, para o enfrentamento e superação de adversidades, pois quanto maior o grupo sedimentar seus princípios e costumes tradicionais, maior será a capacidade para enfrentar as situações adversas e continuar caminhando.

Nossos adolescentes e jovens são continuamente bombardeados pelos meios de comunicação com mensagens estrangeiras e influências subliminares deformantes, que conduzem a um consumismo dependente a um consumismo dependente e a comportamentos destituídos de senso ecológico.

Uma educação inicial, primária e secundária fortemente orientada para o resgate da cultura local e nacional pode ser uma defesa eficaz contra essa

⁷⁰ HOCH, 2007, p. 38

penetração. Quanto mais segura a identidade cultural de um povo, maior será sua capacidade para enfrentar a interculturalidade sem perder a essência do seu “ser”.⁷¹

Há um contexto global fortemente focado no individualismo, onde há o desligamento das pessoas dos vínculos sociais, da família, dos sistemas de crenças e da moral comunitária.

Neste sentido surgem os sindicatos e os partidos políticos para remediar e assegurar direitos fundamentais do grupo ou da sociedade. Porém, a tendência pós-moderna evidenciou-se na redução da jornada de trabalho, na desvalorização das comunidades solidárias, no desemprego, no aperfeiçoamento profissional constante, na troca frequente de emprego e na anonimização das condições de habitação.

Neste sentido, deve-se esforçar para estabelecer uma nova cultura de assistência que, de maneira solidária que, cada pessoa possui uma força interior, que se poderia designar como força vital, capacidade de transformação de vida, força regeneradora ou curativa que, desperta ou estimula essa força, tendo como referência “os ídolos do esporte e da música popular, tem sido substanciais gestores desse atributo, constituindo uma contribuição positiva de resiliência comunitária desses países”.⁷²

2.2.4 Humor Social

Humor Social tem se constituído um dispositivo importante que promove reação divergente, com vistas a encontrar respostas ou reinventar uma determinada situação, criando um ambiente favorável para soluções transformadoras.

Por HUMOR SOCIAL entendemos a capacidade de alguns grupos ou coletividades de “encontrar a comédia na própria tragédia”. Trata-se desse poder de expressar palavras, gestos ou atitudes corporais os elementos cósmicos, incongruentes ou hilariantes de uma situação dada, resultando em um efeito tranquilizador e agradável.⁷³

Verifica-se a positividade desta estratégia de Humor Social como fenômeno resiliente, no sentido de buscar formas de enfrentamento e superação de tragédias, na tentativa de confronto, experiência e maturidade, resultando numa quietude e

⁷¹ HOCH, 2007, p. 39.

⁷² HOCH, 2007, p. 39.

⁷³ HOCH, 2007, p. 40.

assimilação da situação em evidência, como forma de reflexão para novas ações para transformar a situação de crise em novas oportunidades de melhorias.

Outro aspecto importante a considerar é que a resiliência sai de uma situação passiva onde o indivíduo espera que a situação de crise seja vivenciada para depois encontrar força e novas iniciativas para fazer o melhor possível, para uma iniciativa de ação, no sentido de antecipar situações e cenários, promovendo as competências necessárias para a transformação. Neste sentido, a resiliência torna-se uma competência estratégica, com vistas reinventar ações, antecipar acontecimentos que, promoverão as mudanças necessárias para um novo caminhar saudável.

Existe o Humor Social

baseado na ruptura do narcisismo da figura humana. Trata-se do humor dos escorregões e quedas, habitualmente difícil de ser relacionado com os atributos da resiliência, salvo quando usado por um mestre do calibre de Charles Chaplin [...] Chaplin diz que graças a ele as vicissitudes da existência se tornam mais suportáveis: ele desenvolve nosso sentido das proporções e nos revela que o absurdo vagueia em volta da gravidade exagerada.⁷⁴

No Humor Social há espaço para o iconoclasta que visa desestruturar o que é aceito pelo cotidiano; põem em dúvida os mitos do orgulho nacional ou local. Há uma perda na segurança de toda a sua história pela revelação do cômico, especialmente quando seus símbolos, líderes e a sua própria história é descrita pelos elementos do humor. Essa experiência permite encontrar a verdadeira realidade das pessoas envolvidas que transcendem a descrição da história oficial.

O Humor Social presta um serviço importante na medida em que contribui efetivamente para a descoberta de elementos desafiadores, na biografia de pessoas e de instituições envolvidas no drama de uma situação adversa.

Outra forma destaca a

aceitação de estereótipo, caracterizada pela capacidade de aceitar e metaforizar as características ou defeito que o imaginário social atribui às diferentes comunidades: a teimosia do basco, o espírito comercial do judeu, a burrice do galego, etc. Quando dentro da própria coletividade se criam

⁷⁴ HOCH, 2007, p. 41.

piadas sobre seu estereótipo, estamos falando de uma comunidade potencialmente resiliente.⁷⁵

2.2.5 *Auto Estima Coletiva*

A auto-estima coletiva é o sentimento que brota do interior da própria comunidade; é orgulho das suas próprias raízes criadas ao longo de sua história. Cada pessoa sente parte desta história.

A auto-estima coletiva refere-se à atitude e ao sentimento de orgulho em função do lugar onde se vive: a consciência das belezas naturais ou criadas pelo ser humano, a comunhão com os valores que tal sociedade respeita, o desfrute das condições do clima, atividades recreativas e culturais. A satisfação pode integrar a própria comunidade implica reconhecer que a pessoa é parte de uma sociedade e compartilha os valores que a inspiram. Portanto, não causaria surpresa que aquelas cidades ou localidades nas quais se observa elevada auto-estima coletiva tenham maior capacidade de recuperação diante das adversidades.⁷⁶

Aqui se percebe um conjunto de fatores favoráveis no contexto onde se mora, seus valores culturais, recreativos e de clima alinhados com um grau de satisfação da pessoa integrada a toda essa realidade. Isso eleva sua auto-estima ampliando sua capacidade de resistência, capacidade de recuperação e melhoria na sua qualidade de vida.

Essa visão é altamente estimulante, pois considera a auto-estima como um estado permanente de satisfação e reconhecimento de suas potencialidades, sem, contudo, negar o aspecto crítico de cada situação, como uma possibilidade de enxergar o seu próprio crescimento.

A auto-estima saudável nos convoca a um estado de permanente reflexão, especialmente diante de novos fatos e realidades. É um caminho para potencializá-la pela atitude da ação e da reflexão, por um escutar empático, imparcial, paciente, interessante e completo do outro, como parte do seu processo de cura, no sentir de suas reais necessidades, na valorização de sua participação, bem como reconhecer seus próprios limites e virtudes, saber selecionar seus desafios e sonhos, tarefa que exige capacidade de discernimento para saber até onde se pode ir. É comunicar vida em meio à morte e à dor, é ajudar alguém a optar pela vida em toda a sua

⁷⁵ HOCH, 2007, p. 41.

⁷⁶ HOCH, 2007, p. 41-42.

plenitude. É a comunicação da esperança, para um olhar empático para frente; é um estímulo à reconstrução.

2.3 Âmbitos/Tutores para a promoção da Resiliência

Aqui os âmbitos e os tutores da resiliência serão tratados nesta mesma seção, em função de que os elementos que os compõem se alternam em ambos os tópicos pelos estudiosos.

Vanistendael descreve os cinco pilares principais para a promoção da resiliência: “rede de apoio social, em especial a aceitação incondicional da criança; o sentido da vida, vinculado à vida espiritual e à fé religiosa; as aptidões e o sentimento de controle da própria vida; a auto-estima; o senso de humor”.⁷⁷

Estes fatores são de suma importância como elementos de proteção que, favorecem a promoção da resiliência: Auto-Estima, Humor já foram abordados neste trabalho.

2.3.1 Rede de Apoio

A importância do outro é fundamental em todo o contexto de enfrentamento e superação da crise que, podem ser: um adolescente, um jovem, um adulto, membro da família, um amigo, um educador, um religioso, ou um agente de saúde resilientes. Todas essas pessoas cooperam e têm sido reconhecidas pelo apoio irrestrito pelos que estão sofrendo.

Essa relação afetiva tem sido decisiva e determinante para gerar proteção na hora da adversidade. Esses agentes têm sido chamados de tutores. Não é figura paternalista, mas alguém que acompanha empaticamente o que sofre, numa profunda relação de confiança, segurança e esperança de que é possível superar a crise, achar o verdadeiro sentido e propósito, sendo um motivo para uma nova visão e caminhada. “É composto por várias pessoas que garantem uma continuidade no

⁷⁷ VANISTENDAEL, Stefan. *Cómo crecer superando los perconces*: resiliência: capitular las fuerzas del individuo. Ginebra: BICE, 1995. p. 6.

apoio social, cuidando para que a rede não seja demasiado apertada com o risco de tornar rígido e limitar, nem tão frouxa que não consiga dar suporte, contenção”.⁷⁸

Este apoio é fundamental para a pessoa em situação de crise, é uma demonstração de carinho e compreensão, de aceitação, de laços de confiança mútua, de conforto espiritual, no sentido de abençoar o outro. Este apoio acontece na dimensão da família, dos amigos, do mentor espiritual, de um grupo de aconselhamento, da própria comunidade como comunidade terapêutica.

Carmello acrescenta ainda outros quatro elementos, no intuito de apoiar, ordenar e orientar a situação, são eles: “modelo de desafio, vínculos significativos, mente solucionadora e sentido de propósito e futuro”.⁷⁹

2.3.2 Modelo de Desafio

É o desafio da pessoa de descobrir estratégias mais atraentes e eficazes, tornando-a cada vez mais resiliente, no sentido de estar mais capacitada a enfrentar as adversidades, bem como de reconhecer a verdadeira dimensão do problema favorecem e ampliam a visão do mundo, aumentando as possibilidades de enfrentamento.

Por outro lado, a pessoa pode tomar uma direção oposta ao desafio, no sentido de se posicionar como vítima do dano, com dificuldade de reconhecer seu grau de responsabilidade. Agir pelo modelo do desafio visa capacitar o resiliente a fazer os ajustes necessários, reconhecer as possibilidades de enfrentamento e estabelecer as metas para sua resolução, evitando os extremos.

2.3.3 Vínculos Significativos

Sabe-se que “uma das questões mais importantes da resiliência e menos exploradas numa situação de mudança é a construção de vínculos significativos”.⁸⁰ Neste sentido, reforça a relação com os amigos e familiares, especialmente com aqueles com se tem uma relação de confiança, grande apreço, respeito, empatia e

⁷⁸ HOCH, 2007, p. 17.

⁷⁹ CARMELLO, Eduardo. *Resiliência: a transformação como ferramenta para construir empresas de valor*. São Paulo: Gente, 2008. p. 88.

⁸⁰ CARMELO, 2008, p. 90.

comunicação aberta. Esta relação solidária faz toda diferença, possibilitando uma grande melhora na vida destes pacientes resilientes que, buscam esse apoio vital, na construção de um modelo resiliente, com a devida competência dos seus protagonistas.

2.3.4 *Mente Solucionadora*

É o encaminhar de soluções menos técnicas e mais práticas. Nesta direção “o resiliente busca objetividade e relevância nas informações para poder tomar decisões e criar ações que possam impactar de maneira assertiva os problemas ou as inovações que precisam ser realizadas”.⁸¹

Constata-se uma certa obsessão do resiliente por encontrar soluções, com foco nas ideias e sentimentos que realmente encaminhem para ações que os conduzam aos propósitos declarados.

2.3.5 *Sentido de Propósito e Futuro*

Conforme Campello, “as palavras propósito e esperança têm destaque na literatura de resiliência. Esperança, não no sentido de esperar, mas de esperançar, de animar-se, de estimular-se, de encontrar significados mais amplos e maiores para a condição em que se encontra”.⁸² Verifica-se uma forte ênfase do resiliente pela busca de um sentido para toda a vida e, especialmente diante de uma situação de crise, na vida de pessoas de fé num futuro melhor, conseguem irromper toda aquela adversidade e visionar o seu futuro, com otimismo e novas possibilidades, respeitando cada fase da caminhada.

É nesse sentido que Silveira argumenta que “a existência humana direciona-se sempre para ‘além de si mesma, indicando um sentido’”.⁸³ Então, o importante é primeiramente realizar um sentido, ou seja, é importante que a pessoa assuma atitudes que a aproximem daquilo que tem sentido.

⁸¹ CARMELLO, 2008, p. 92.

⁸² CAMPELLO, 2008, p. 94.

⁸³ SILVEIRA, D. R. O sentido de resiliência: a contribuição de Viktor Frankl. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 25(4), p. 567-576, out./dez., 2008. p. 570.

Aqui denota-se o conceito de Viktor Frankl, fundador da Terceira Escola vienense de Psicoterapia, que pode ser chamada de *Logoterapia*. Enfatiza o sentido da própria vida, autonomia da existência espiritual e o senso de responsabilidade. “É importante que a pessoa assuma atitudes que aproximem da realização daquilo que tem sentido”.⁸⁴ A importância do ser humano de pensar a missão, em sua totalidade lhe dá sentido e propósito na vida, onde cada pessoa tem a consciência de cumprir alguma tarefa.

Frankl classifica os universais do sentido

em três categorias: os valores criativos (pelos quais o homem dá algo ao mundo, por meio da ação concreta, da realização de algo – por exemplo, no trabalho); os valores vivenciais (pelos quais o homem recebe algo do mundo, frui do que há de belo, como uma passagem natural, um pôr-do-sol, um filme ou quando o sujeito entrega à pessoa amada); e os valores de atitude (a pessoa pode se posicionar de forma digna frente ao sofrimento inevitável).⁸⁵

Nesta direção, creio firmemente que a vivência do sentido da vida promove a resiliência na vida das pessoas que buscam força no *outro* (ser alguém além de si mesmo, com quem se possa compartilhar vivências), como também se envolve com o transcendente e, é essa disposição que torna a pessoa resiliente.

2.4 Espiritualidade e Resiliência

A presente pesquisa chamou-nos a atenção sobre a necessidade de se fazer uma relação indissociável entre a Espiritualidade e a Resiliência. Os autores pesquisados consideram a espiritualidade como fator de resiliência. A Bíblia está repleta de experiências de pessoas que passaram por situações adversas: morte, perdas, abandono, sofrimento, enfermidade, e que tiveram na fé um elemento altamente significativo de fortalecimento e de superação.

Nós temos que refletir a espiritualidade cristã na perspectiva de trazer para o dia a dia a experiência de estar na presença de Deus. É a partir desta realidade que todas as demais coisas vão acontecer, é o desdobramento da nossa relação dialogal com Deus, com aplicabilidade nas nossas relações com o outro. A Sagrada Escritura

⁸⁴ SILVEIRA, 2008, p. 570.

⁸⁵ SILVEIRA, 2008, p. 571.

afirma em João 1.3: “Sem ele nada do que foi feito se fez”. Em Jesus Cristo o caos se transformou em ordem, as coisas passaram à existência. Nosso Senhor Jesus Cristo é o fundamento da espiritualidade resiliente.

Outro fator importante é fato de que a espiritualidade cristã vai nutrir, equipar e reforçar a resiliência. Não há experiência resiliente sem o componente da fé. A vivência dos valores da fé é sustento espiritual necessário para superar as adversidades e as perdas na caminhada. “A vivência da espiritualidade não poderia ficar desconectada das lutas pelos direitos humanos e na defesa das causas sociais”.⁸⁶

Karin Wondracek destaca:

Na Bíblia, temos, na narrativa da criação, a presença do Espírito de Deus pairando sobre o caos e ali fazendo brotar vida e ordem (Gênesis 1.2). Na segunda carta aos Coríntios, Paulo menciona que o mesmo Deus que fez a luz brilhar no meio do caos “reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da sua glória que resplandece na face de Cristo” (I I Coríntios 2.4). O Deus que produziu luz na criação agora se revela em nosso coração, e assim nos consola (o Deus que me vê), nos dá lucidez, nos dá discernimento sobre palavras e silêncios que criarão uma nova ordem sobre o caos.⁸⁷

Essa luz espiritual que recebemos é feita pelo Espírito Santo na regeneração, como agente desta nova vida em nossos corações, que é aperfeiçoada no processo de crescimento espiritual, na santificação progressiva, conforme lemos em Filipenses 1.6 “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há d completá-la até o dia de Cristo Jesus”.

2.5 Jó: um modelo de espiritualidade resiliente

Creio firmemente que a experiência vivida por Jó, personagem exemplar da Sagrada Escritura é a mais clara evidência da espiritualidade resiliente, pois temos na sua história os componentes da espiritualidade e da resiliência, conforme Jó 1.1-3:

Havia, um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal. Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas; era também mui numeroso o pessoal ao seu

⁸⁶ WONDRAK. 2007, p. 148.

⁸⁷ WONDRAK. 2007, p. 87.

serviço, de maneira que esse homem era o maior de todos os do Oriente [...].

Inicialmente, destacamos toda a magnitude da prosperidade de Jó, na descrição do volume de seus bens, de seus animais e de seus empregados. Ele é definido como um homem ideal do ponto de vista da sua personalidade. Ele era completamente honesto e rejeitava o que era errado; era um desviante do mal.

Toda essa completude de Jó gera um conflito de opiniões entre Deus e Satanás, pois este se mostra cínico diante da sinceridade do caráter espiritual de Jó. Mesmo assim, Deus continua afirmando positivamente acerca do seu caráter irrepreensível que, não podia ser facilmente quebrado.

Portanto, o teste é proposto entre Deus e Satanás acerca do caráter e firmeza de Jó, quando toda a sua vida, família e religiosidade é afetada.

Ele vai recebendo notícias de perdas terríveis: a morte dos filhos e filhas, o saque de seus bens e, por último a enfermidade que afeta seu ser.

A reação de Jó diante desse quadro de perdas e sofrimento é de uma espiritualidade resiliente, conforme lemos em Jó 1.21-22: “e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor! Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma”.

Podemos pensar que uma das coisas muito triste que aconteceu com Jó, foi quando sua própria mulher o aconselhou a amaldiçoar o seu Deus e morrer. Porém, este conselho queria induzir Jó a comprometer toda a sua vida íntegra, com vistas aliviar a sua dor, procurar uma solução mais fácil para toda aquela adversidade.

Sproul afirma que:

A confiança de Jó vacilou, mas nunca morreu. Ele se lamentou. Chorou. Questionou. Até mesmo amaldiçoou o dia de seu nascimento. Mas agarrou-se firmemente à sua única esperança possível, sua confiança em Deus. Houve ocasiões em que Jó esteve pendurado na ponta dos dedos. Mas ele se segurou. Ele se amaldiçoou. Repreendeu sua esposa, mas nunca amaldiçoou a Deus.⁸⁸

Deus não deu uma resposta detalhada para Jó acerca das suas razões para tanto sofrimento, porém era um teste tremendo da sua fé, iluminado pelo

⁸⁸ SPROUL, R.C. *Suprendido pelo Sofrimento*. Cultura Cristã: São Paulo, 1998.

conhecimento e pelo caráter de Deus. Este era um detalhe importante, pois para ele Deus era digno de confiança e, jamais o desapontaria.

Hoch afirma: “Jó representa, de maneira exemplar, aquele estágio em que a maioria de nós possivelmente nos encontremos, qual seja, o da dificuldade de entender por que precisamos sofrer”.⁸⁹

O sofrimento é difícil de ser aceito quando não encontramos razões para justificá-lo, pois na nossa avaliação seria incoerente receber qualquer diagnóstico contrário à nossa expectativa.

O Apóstolo Paulo declara em Romanos 5.3-5:

E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.

Aqui o Apóstolo deixa claro de que todos esses sofrimentos e tristezas são consolados, em função de estas situações serão transformadas em um bem maior. Aqui, a realidade dos Filhos de Deus é para exercitar a paciência e quando experimentam o consolo e o auxílio divino são nutridos e confirmados na esperança de que independente das adversidades, nunca estaremos sem a graça de Deus, suportando tudo com paciência.

Calvino considera o seguinte a respeito do tema da salvação:

O participio *derramado* é bastante enfático, e significa que a revelação do amor divino para conosco é tão copiosa que enche os nossos corações. Sendo assim derramado, e permeando cada parte de nosso ser, não só mitiga nosso sofrimento na adversidade, mas também age como um agradável condimento a transmitir graça a nossas tribulações.⁹⁰

Deus restaurou a sua saúde, família e seus bens, e ele ainda viveu mais 140 anos e, foi recompensado por Deus, conforme lemos em Jó 42.12: “Assim, abençoou o Senhor o último estado de Jó mais do que o primeiro; porque veio a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. Também teve outros sete filhos e três filhas”.

⁸⁹ HOCH, 2007, p. 77.

⁹⁰ CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo: Parakletos, 2001.

Sendo assim, após aquela dura experiência de adversidade de Jó, ele declara que Deus é soberano e sábio. Ele deixa um testemunho eloquente para todos nós, em qualquer contexto de luta e sofrimento, Jó 42.2,5: “Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado. Eu te conhecia só de ouvir falar, mas agora os meus olhos te veem”.

A história de Jó testifica que apesar de todo o seu sofrimento, jamais ele rompeu ou desistiu de se relacionar com Deus. As suas atitudes são um exemplo de um ser humano com a capacidade de superação e visualização da vida para além da sua própria condição adversa. O sofrimento nos dá uma compreensão da própria vida, do que é propriamente viver. Podemos nos considerar humanos a partir do sofrimento.

3 A ESPIRITUALIDADE RESILIENTE E OS MEIOS DE GRAÇA: UM CAMINHO À SER PERCORRIDO PELOS MEMBROS DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Neste terceiro capítulo, a abordagem se aloca na conexão da proposta de uma espiritualidade resiliente com os assim chamados *Meios da Graça*, dentro do contexto da Teologia Reformada, como um caminho necessário e desafiador de vivência espiritual dos membros da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Enquanto tomava conhecimento da existência do material produzido pela Faculdade EST sobre resiliência, meu pensamento foi sendo direcionado para esta temática, visando abordá-lo a partir do contexto do presbiterianismo brasileiro, um caminho que precisamos trilhar.

A presente avaliação pretende introduzir o assunto, considerando o tema contextualmente, pois não há temáticas dentro da denominação fazendo essa ligação e análise, tão necessária na construção de um caminho saudável que o próprio Evangelho de Jesus nos convida a trilhar.

3.1 Os Meios de Graça

Não encontramos a expressão “meios da graça” nas Escrituras Sagradas, todavia o termo é pertinente na teologia reformada, no sentido de designar os meios nominados pelas Sagradas Escrituras. Podemos atribuir comumente que tal designação objetiva edificar, fortalecer os cristãos no Corpo de Cristo, dotando-os de toda sorte de capacitação espiritual com tais ofícios a fim de dar toda direção providencial aos cristãos, na prosperidade e na adversidade, ampliando e solidificando cada vez mais a comunhão com Cristo.

Os componentes dos “meios da graça”, conforme McPherson, são a *Oração*, a *Palavra*, os *Sacramentos* e a *Igreja*. Já Berkhof opta somente pela *Palavra* e pelos *Sacramentos*. Todavia, neste trabalho vamos seguir a designação do teólogo Hodge, quando designa a *Oração*, a *Palavra* e os *Sacramentos* como meios da graça. A Igreja não pode ser considerada aqui como meio da graça, no sentido de que ela é o órgão que tem a função de administrar os tais meios.

3.1.1 Definição de “Meios de Graça”

Berkhof define: “que são meios pelos quais leva os eleitos ao seu destino eterno. Toda direção providencial dos santos, na prosperidade e na adversidade, muitas vezes é um meio pelo qual o Espírito Santo leva os eleitos a Cristo ou a uma comunhão cada vez maior com Ele”.⁹¹

Nesta definição, Berkhof limita esta ação dos meios de graça aos eleitos, porém neste trabalho, o entendimento é que os meios da graça se aplicam a todos os cristãos, por sua comunhão espiritual com Cristo. Deus chama todos os cansados, provados, desanimados a estar com ele para receber o alívio necessário e a força para refazer suas vidas, animando-as e dotando-as para a caminhada.

Van Horn define os meios da graça como: “os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção são as suas ordenanças, especialmente a Palavra, os sacramentos e a oração, todos os quais se tornam eficazes aos eleitos para a salvação”.⁹² Aqui Horn descreve os mesmos elementos de Hodge, a Palavra, a Oração e os Sacramentos, como elementos componentes vitais e instrumentais da graça para o fortalecimento da fé e da comunicação das verdades do Evangelho.

3.1.2 Características dos “Meios de Graça”

Eles são instrumentos da graça especial de Deus para os cristãos. Esta graça trabalha na coração do pecador removendo o seu pecado e restaurando cada vez mais a imagem de Deus, com vistas a enriquecer sua vida espiritual. A sua ação segue um caminho progressivo desta graça especial de Deus em seus corações.

Eles são meios de graça em si mesmos. Eles são úteis para todo fortalecimento dos cristãos, com a orientação da Palavra e sob a operação eficaz do Espírito Santo nos corações dos cristãos.

⁹¹ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

⁹² HORN, Van T. Leonard. *Estudos no breve Catecismo de Westminster*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

Eles são instrumentos contínuos da graça de Deus. Essa continuidade não é interrompida ou só acontece ocasionalmente, porém são constituídos para ação perpétua. Berkhof afirma:

O Catecismo de Heidelberg, na pergunta 65, indaga: “Visto que somente a fé nos faz participar de Cristo e de todos os seus benefícios, de onde vem esta fé? Vem do Espírito Santo que a produz em nossos corações pela pregação do Evangelho, e a fortalece pelo uso dos sacramentos.”⁹³

Eles são meios eficazes da Igreja de Jesus Cristo. Esses meios são usados eficazmente e instituídos na Igreja de Cristo, os quais o Espírito Santo utiliza, produz e confirma fé e os resultados da nova vida nos corações dos homens. “O Espírito Santo é mediador da presença de Cristo quando nos habita, em termos espirituais, a sermos transportados de nossos pesares, nossas dificuldades e nossas aflições à presença de Cristo”.⁹⁴

3.2 A Oração

Ela é o elemento importante dos “meios da graça”, pois trata da comunicação espiritual com Deus. A Reforma Protestante, além dos elementos da Teologia, também observou, conforme o relato de Karl Barth:

Encontramos no Grande Catecismo de Lutero uma passagem notável, de onde destacamos algumas frases: “Sabemos que nossa defesa está exclusivamente na oração. Somos muito fracos frente ao diabo e seus vassalos. Seguraremos firmemente as armas do cristão ; elas nos tornam capazes de combater o diabo. Quem tem alcançado estas grandes vitórias sobre os empreendimentos de nossos inimigos, que o diabo tem utilizado para nos escravizar, senão as orações de boa gente, que se levantou como uma muralha de bronze para nos proteger? Nossos inimigos podem escarnecer. Nós os desafiaremos, a eles e ao diabo, se nos mantivermos em oração, e se nela persistirmos. Pois sabemos que, quando um cristão ora assim: “Meu querido Pai, que Tua vontade seja feita”, Deus lhe responde: “Sim, meu querido filho, ela será feita, apesar do diabo e do mundo inteiro”.⁹⁵

⁹³ MAÍLLO, Valentín Muñoz. *Confissões de Fé da Igreja*. Madrid: Literatura Evangélica, 1983.

⁹⁴ HORN, 2000, p. 166.

⁹⁵ BARTH, Karl. *O Pai Nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos*. Novo Século: São Paulo, 2003. p.13-14.

3.2.1 O que é Oração

Conforme o Catecismo de Westminster, “a oração é um santo oferecimento de nossos desejos a Deus, por coisas conforme a sua vontade, em nome de Cristo, com a confissão de nossos pecados, e um agradecido reconhecimento de suas misericórdias (referências bíblicas: Sl 62.8; I Jo 5.14; Mt 26.39; Jo 16.23; Dn 9.4; Fp 4.6)”.⁹⁶ Nesta definição temos o encaminhamento de nossos desejos a Deus, que são submetidos a sua vontade soberana, bem como a confissão de nossas faltas, o pedido de livramento e a força cada dia; as dádivas necessárias para nossas necessidades diárias.

3.2.2 A importância da Oração

Lutero destaca a importância da oração, dentro do seu contexto de lutas teológicas e perseguições, inclusive, desafia a comunidade dos cristãos a se empenhar na oração.

Calvino afirma acerca “da necessidade de dirigir-se somente a Deus, e não aos santos ou anjos”.⁹⁷ Fica claro aqui que se exclui a mediação de santos e anjos para o encaminhamento e a manutenção da nossa relação dialogal com Deus, conforme o que preceitua o texto sagrado de 1 Timóteo 2.5 “Porquanto há um só Deus e um só, mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”.

A oração é este meio para tratar da nossa vida espiritual com Deus e com as exigências deste mundo; das nossas necessidades, sonhos, lutas e provações, especialmente na relação com Deus solicitar a sua ajuda, a sua instrução e a sua sabedoria para lidarmos com todas estas situações e continuarmos caminhando de maneira saudável.

A dimensão da fé nos convida a avançar e colocar nossa confiança somente no Senhor, porém ao avançarmos encontramos duras lutas, que nos faz pedir a sua ajuda, pedir o seu socorro e, Ele nos responde prontamente, conforme o Salmo 46 “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações”.

⁹⁶ BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. p. 179.

⁹⁷ BARTH, 2003, p. 14.

Uma pequena fé e uma pequena obediência não suficiente para o enfrentamento das crises e dos abismos que se apresentam diante de nós. O que nos falta deve ser o conteúdo da nossa oração diante de Deus, pedindo-lhe a força, a coragem, a serenidade, a prudência e a sabedoria necessárias, a fim de construirmos caminhos possíveis de enfrentamento, de restauração e a capacidade de transcendermos àquela situação aparentemente intransponível e caminhar-mos de maneira fortalecedora.

Outro destaque importante na prática da oração é evitarmos o exibicionismo, Jesus nos adverte em Mateus 6.1: “Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto ao vosso Pai celeste”. Temos aqui um apelo de Jesus no sentido de não orarmos em público, mas que não o façamos com o objetivo de autoglorificação e de autopromoção.

Ainda, nosso Senhor faz menção de instruções específicas acerca da nossa vida de piedade, orientando-nos em áreas precisas da nossa vida cristã, destacando o dar, o orar e o jejuar em Mateus 6.2-8, 16-18. Todas estas instruções continuam sendo dadas no sentido de evitarmos qualquer atenção para nós mesmos, de qualquer forma de ostentação em face destas práticas piedosas.

Outra perspectiva destes textos é evitarmos qualquer semelhança com os pagãos que, nas suas petições usam expressões monótonas e repetitivas, mas que com o Pai celeste não funciona assim, pois Ele sabe de cada uma de nossas necessidades e deseja suprir cada uma delas, conforme Mateus 6.31-32 “Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas cousas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas”.

Portanto, Deus espera de nós uma atitude diferente na prática da oração, se apresentando diante Dele, através de uma fé simples e confiante, na capacidade de nosso Pai celeste de nos ajudar e de nos fortalecer diante das adversidades da vida.

3.2.3 Uma Oração Modelo

Nosso Senhor aqui esboça uma oração em face da solicitação de seus discípulos, acerca do modo e dos conteúdos da oração. Jesus trabalha esta oração modelo na disposição fundamental em relação ao Pai, *pois ele sabe e conhece tudo sobre seus filhos*, pois Jesus crê incondicionalmente de que nada acontece sem Deus. Esse foco principal em primeiro lugar está voltado para o Pai e envolve sua pessoa, seu nome, seu governo e sua vontade e, posteriormente a sua atenção se volta para as nossas necessidades.

Outro aspecto a destacar aqui é o fato de que o Reino não é construído e nem experimentado, sem a realidade da oração. Os filhos falam com o Pai. As realidades de pertencimento no Reino de Deus passam pela vida dos discípulos neste novo jeito de orar.

Portanto, é importante aqui destacar cada frase com seu conteúdo e significado desta oração modelo e, suas implicações para nosso viver diário, nos possibilitando ser orientados e fortalecidos para a nossa vida diária.

a) Pai nosso que estás nos céus

Essa é uma invocação ao Pai. Somos convidados a falar com Deus, pois é assim que nosso Senhor nos ensina. Este Pai é para nosso, de uma maneira muito particular. Barth afirma:

Jesus Cristo nos convida, nos ordena, nos permite falar com Ele a Deus, orar com Ele a Sua oração, juntarmo-nos a Ele na Oração Dominical: portanto, adorar a Deus, orar a Deus, louvá-lo com uma só boca, uma só alma, com Ele, unidos a Ele. Este “nós” significa ainda a comunhão do homem que ora com todos aqueles que estão em Jesus Cristo, e que, como ele, são convidados a orar; com aqueles que receberam o mesmo convite, o mesmo mandamento, a mesma permissão de orar ao lado de Jesus Cristo”.⁹⁸

Aqui entramos em comunhão ao lado de Jesus Cristo pela humanidade, que é o objeto desta intercessão. O Pai que aqui ganhamos não é por mérito nosso, e sim da pessoa Jesus Cristo que ganhamos essa paternidade e filiação, pois em Cristo Jesus somos seus filhos.

⁹⁸ BARTH, 2003, p. 32.

Ele está nos céus, pois é sua morada suprema. Todavia, o enfoque desta expressão denota a sua transcendência e o seu poder ilimitado.

b) Santificado seja o teu nome

O nome é a representação de Deus e de Sua natureza suprema. É tudo quanto está envolvido na pessoa de Deus, tudo quanto nos foi revelado acerca do seu nome. Esta frase implica que o nome de Deus é plenamente reconhecido por aquele que ora. O nome de Deus já está santificado pelos seus atributos e obras, que são devidamente conhecidas por aquele que se dirige a Deus, é um reconhecimento de nossa parte em relação à santidade do nome do Pai. É uma declaração de um fato em vez de um pedido.

Lloyd-Jones afirma:

Deus revelara-se aos filhos de Israel sob diversos nomes. Ele usara certo vocábulo para indicar a Sua pessoa (El ou Elohim), o qual aponta para o Seu “poder”, para a sua “força”. Assim ao utilizar-se desse nome particular, Deus estava transmitindo aos homens um certo senso de Seu poder, de Seu domínio. Mais tarde, Deus se revelou através daquele outro grande e admirável nome, Yahweh, que significa “auto existente”, o “sou o que sou”, o eternamente auto-existente. Houve outros nomes mediante os quais Deus descreveu a Si mesmo, a saber: Yahweh-jireh (o Senhor proverá); Yahweh-rapha (o Senhor cura); Yahweh-nissi (o Senhor é o nosso pendão); Yahweh-shalom (o Senhor é a nossa paz); Yahweh-ra-ah (o Senhor é o nosso pastor); yahweh tsidkenu (o Senhor é a nossa justiça), e ainda Yaweh-shammah (o Senhor está presente).⁹⁹

Nota-se que esses nomes são aspectos distintivos acerca da sua própria pessoa. Todas essas indicações são revelações da Sua pessoa, de Seus atributos para conhecimento de toda a humanidade, do caráter especial e bondoso desse Pai celestial, que está completamente habilitado para ser um Pai que fará toda a diferença no seu relacionamento com o homem, em todas as suas particularidades.

c) Venha o teu Reino

Barth considera que:

No Novo Testamento, o reino de Deus é a vida e o propósito do mundo que correspondem às intenções do Criador. É a defesa eficaz e definitiva contra a ameaça que segue e deve seguir o pecado, contra o perigo fatal, o

⁹⁹ LLOYD-JONES, Martyn. *Estudo no Sermão do Monte*. São Paulo: Fiel, 1984. p. 345.

aniquilamento que ronda o mundo, porque ele não é senão criatura. O reino de Deus é a vitória derradeira sobre o pecado.¹⁰⁰

Nota-se que essa vinda do reino, como solicitação do orante do “Pai Nosso” evidencia a sua coerência concernente à vivência com Aquele que é o Rei de toda a terra e nossa efetiva participação, no sentido de anunciar, de chamar as pessoas a uma reconciliação com o mundo, consigo mesmas e, acima de tudo com Jesus Cristo.

Essa vinda e proclamação do Reino significam um grande movimento de Deus em favor da pessoa humana, que começou no Natal, na Páscoa e no Pentecostes. “É necessário que isto venha, que o futuro traga a marca do passado, que nosso passado se torne nosso futuro, e que o Senhor, que veio, volte”.¹⁰¹ Essa deve ser a nossa disposição como participantes e proclamadores do Reino. Aleluia!

d) Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu

Essa frase está relacionada como consequência da vinda do reino, como cumprimento da sua vontade soberana. Aqui, nota-se que esta oração deve alinhar o céu e a terra, como uma canção harmoniosa e coerente, de que todos estão esperando firmemente em Deus, estão exaltando o criador no desejo veemente de que sua vontade seja feita.

Tanto aqui quanto no céu o plano do Senhor será executado, que a vontade do Senhor seja realizada em cada momento na vida das pessoas e nas estruturas deste mundo.

Cabendo a Deus toda a execução do seu plano e nós cooperamos com Ele. Nós nos ofereçamos a Deus, o rei de toda a terra, e que Deus se digne ocupar-se de nós. Com a mesma perfeição que ela se realiza no céu, que também se realize em nossas vidas e na vida deste mundo, com vistas a Sua glória.

e) O pão nosso de cada dia dá-nos hoje

Todos os aspectos da vida humana podem ser aqui contemplados com as três últimas petições desta oração: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, “e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos

¹⁰⁰ BARTH, 2003, p. 43.

¹⁰¹ BARTH, 2003, p. 46.

devedores” e “e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal”. Nosso Senhor aqui cobriu toda a vida humana, com os essenciais desta oração. Nossas necessidades físicas, nossas necessidades mentais e nossas necessidades espirituais.

É interessante perceber que nosso Senhor não começa com as necessidades espirituais, mas com as necessidades do corpo, com a finalidade de destacar que precisamos continuar com a nossa existência neste mundo; que as nossas necessidades de nossa constituição física precisam ser supridas.

Esta petição evoca o pão para cada dia da nossa vida para Aquele que é o criador e sustentador do universo. O pão é a manutenção necessária de todos os aspectos da nossa vida, de tudo aquilo que necessitamos para sermos humanos neste mundo, é a presença misteriosa deste alimento que nutre bem e para sempre, pois é a nossa causa que está em jogo. Eis-nos inteiramente na dependência de Deus.

Quando fazemos esta petição estamos orando para que ele nos ensine a viver contente com aquilo que temos, uma porção diária das chuvas de bênçãos que o Senhor nos dá.

f) e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores

Somos devedores a Deus, somente a Ele. É o indivíduo que já recebeu o direito de exclamar: “Pai nosso!” e o único homem que tem o direito de dizer “Pai nosso, é aquele que se encontra em Jesus Cristo.

Pedimos que Deus, que em Jesus Cristo nos perdoe os nossos pecados e pela sua graça somos capacitados a perdoar de coração o nosso próximo.

O texto sagrado nos ensina (Sl 104.3-4): “Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas iniquidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia”. Aqui salienta que é o Senhor que pode perdoar os nossos pecados; ele tem a capacidade de nos tirar de situações embaraçosas e aflitivas; somos entregues à Sua graça e Sua misericórdia.

A petição salienta a necessidade da consciência humana de que somos todos devedores uns aos outros, e o somos cada dia e que devemos reconhecer que o nosso pecado ofendeu a Deus e necessita ser confessado, e com certeza será perdoado pelo Pai celeste.

Barth afirma: “Quando o perdão de Deus é recebido, ele nos torna capazes de perdoar. O perdão de Deus é alguma coisa que se passa no plano divino”.¹⁰² Esta é uma realidade que nos impulsiona, que nos capacita a perdoar o “outro”, em Jesus Cristo, nosso Senhor.

g) e não nos deixe cair em tentação; mas livra-nos do mal

Aqui está evidente todas as formas do mal, uma ameaça que se opõe a Deus e que pode nos destruir. Há um mal intolerável, insuportável, que está em competição com o bem. O inimigo de Deus é também o inimigo de sua criatura.

Essas tentações vêm de dentro e de fora de nós. De dentro vêm porque o coração é inclinado ao mal. De fora vem de satanás, e de todas as manifestações de maldade nas estruturas humanas, que atuam contra a vida e a sua preservação em todas as suas formas.

Nesta petição o orante está pedindo que Deus o guarde de cair nesta situação perturbadora, e que em Deus seja capacitado pelos meios de graça a resistir e de ter a força de se fortalecer nele para continuar na caminhada vitoriosamente.

Lloyd-Jones afirma:

Ao fazermos essa petição, estamos pedindo que nunca sejamos conduzidos por uma situação em que nos tornemos passíveis de ser tentados por Satanás. Não está em foco que queiramos ditar a Deus o que Ele fará ou deixará de fazer. Deus testa efetivamente Seus filhos, e jamais deveríamos presumir que podemos dizer a Deus o que Ele deve ou não fazer. Deus sabe que precisamos de extenso treinamento, em nossa preparação para a glória celestial.¹⁰³

Então, fica claro que nós devemos pedir ao Senhor, contudo desde que seja conforme a sua vontade soberana; ainda que o caminho seja o da provação, deveríamos pedir que ele nos livre de tal possibilidade.

¹⁰² BARTH, 2003, p. 62.

¹⁰³ LYOID-JONES, 1984, p. 360.

h) [Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]

A conclusão desta oração é esplêndida, pois atesta o nosso desejo diante da grandeza da sua graça, do seu poder, da sua misericórdia, da sua soberania eterna, da sua onipotência, da sua onisciência e da sua onipresença.

Aqui temos um desdobramento com essa doxologia cantada pela congregação, afirmando que a Glória pertence ao Senhor! A razão para orar é em função de que ao Senhor pertencem o reino, o poder e a glória para sempre. A razão para o pleno entendimento das petições desta oração está na doxologia, é a razão suprema.

O Amém aqui pronunciado é a plena concordância do orante, é a certeza do pleno atendimento divino, a plena satisfação de nossas necessidades e a plena força para nos livrar ou suportar as adversidade, é a plena manifestação o seu cuidado providencial e seguro, é a sinceridade de fé e a intensidade de desejo daquele que conhece a Deus, o Seu reino, o Seu poder e a majestade da Sua gloria; daquele que deseja o pleno cumprimento da Sua vontade e, se coloca como instrumento em Suas mãos e diz; SOLI DEO GLORIA (a glória é somente para o Senhor).

3.3 As Sagradas Escrituras

A abordagem aqui visa destacar a importância das Sagradas escrituras como meio de graça, como meio eficaz e exterior de Deus comunicar as suas bênçãos, em todas as suas dimensões para o bem do homem; são os benefícios da sua redenção bendita.

Trazemos o entendimento reformado da Escritura, conforme Berkhof:

As Escrituras inspiradas constituem o principium cognoscendi (princípio do conhecimento), o manancial de todo o nosso conhecimento teológico; é também o meio que o Espírito emprega para a propagação da Igreja e para a edificação e nutrição dos santos. Ela é preeminentemente a palavra de Deus, e, daí, também o meio de graça mais importante.¹⁰⁴

¹⁰⁴ BERKHOF, 2001, p. 563.

As Escrituras conforme a descrição acima são o manancial e a base de todo o nosso conhecimento teológico, bem como o instrumento que o Espírito Santo usa para a propagação da igreja e a nutrição espiritual dos cristãos.

Portanto, as Escrituras do Antigo e Novo Testamento são a única regra perfeita de fé e prática; elas abordam todo o desígnio de Deus para o homem e são suficientes para guiar e dar suporte ao homem e suprir todas as necessidades, conforme o texto áureo de 2 Timóteo 3.16-17: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça; a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitada para toda boa obra”.

Bavink salienta que:

Essa Palavra de Deus não foi dada exclusivamente à Igreja como uma instituição, aos oficiais, mas a todos os crentes (Jo 5.39; At 17.11), para que extraindo dela paciência e conforto, eles tivessem esperança (Rm 15.4) e para que eles mutuamente ensinassem e admoestassem uns aos outros (Rm 12.7-8; Cl 3.16; Hb 10.24-25).¹⁰⁵

As Escrituras Sagradas constituem o texto principal e formador da espiritualidade resiliente, onde nossa experiência deve estar arraigada, nossa fé fortalecida e moldada. Somos formados pelo Espírito Santo de acordo com o texto sagrado das Escrituras

Peterson afirma: “Em contraste com as espiritualidades egoístas e glamorosas, a nossa é um caminhar a pé, literalmente a pé; seguimos Jesus dando um passo após o outro. E para saber quem Ele é, aonde vai e o que fazer para seguir suas pegadas, pegamos um livro, o livro, e o lemos”.¹⁰⁶ Esse horizonte cristão aqui firmado por Peterson estabelece o status da Escritura como estilo de vida cristão, como nutrição da fé da transformação em atos e atitudes de amor nos gestos mais simples e recíprocos no partilhar de copos de água fresca, missões pelo mundo inteiro, cura, ajuda, evangelismo e justiça em nome de Jesus, mãos levantadas em adoração ao Pai celeste, pés lavados altruisticamente na companhia do Filho.

¹⁰⁵ BAVINK, Hermann. *Teologia Sistemática*: inverter os dados, rever todas as notas. São Paulo: Socep, 2001. p. 592.

¹⁰⁶ PETERSON, Eugene, H. *Maravilhosa Bíblia*: a arte de ler a Bíblia com o Espírito. São Paulo Mundo Cristão, 2008. p. 32.

Portanto, temos um convite da Teologia espiritual no sentido de como lemos as Escrituras, não como um código moral, não como um escopo doutrinário, mas como uma história que está sendo narrada para nós, convidando-nos a fazer parte dela; nessa submissão às Escrituras, descobrimos que não estamos sendo levados a ver Deus em nossa história, mas sim nossas histórias é que estão na de Deus. Ele é o contexto maior e a trama em que nossas vidas se encontram.

3.4 Os Sacramentos

Aqui abordarei o tema dos Sacramentos na perspectiva de sua relação com a espiritualidade resiliente, que é o foco deste trabalho.

As questões doutrinárias envolvendo os sacramentos, especialmente a forma adotada pelas Igrejas, ainda que sejam questões importantes para cada denominação, não atendem ao objetivo da presente pesquisa.

A abordagem deste trabalho se dará quanto ao significado teológico, bíblico e seu uso como sinal visível que traz implicações para a nossa vivência espiritual e testemunho da nossa fé, indicando-nos um caminho à ser percorrido pelos membros da Igreja Cristã, bem como também da Igreja Presbiteriana do Brasil.

3.4.1 Definição de Sacramento

São santos sinais e selos do pacto da graça (Rm 4.11 e Gn 17.7-10), imediatamente instituídos por Deus (Mt 28.19; 1 Co 11.23) para representar Cristo e seus benefícios, e para confirmar nosso interesse nele (I Co 10.16; 11.25,26; Gl 3.27,17), bem como para fazer uma diferença visível entre os que pertencem à Igreja e o restante do mundo (Rm 15.8: Êx 12.48; Gn 34.14), e solenemente comprometê-lo no serviço de Deus em Cristo, de acordo com sua Palavra (Rm 6.3,4; 1 Co 10.16,21).¹⁰⁷

Na definição acima podemos destacar que os sacramentos são sinais do pacto da graça, instituídos por Deus para trazer as realidades das bênçãos da obra de Cristo, em função deste novo pacto, representados nos sacramentos do batismo e da Santa Ceia.

Os sacramentos também servem para marcar, para distinguir a verdadeira Igreja, não só no sentido de uma instituição, mas para estabelecer as relações de

¹⁰⁷ HODGE, Alexander A. *Confissão de Fé de Westminster comentada*. São Paulo: Editora os Puritanos, 2008. p .443.

pertencimento adequadas com aqueles que a pertencem. É um entendimento mútuo, com compromissos de ambas as partes, especialmente para estabelecer meios de graça e de testemunhos eficazes das verdades inegociáveis do Evangelho.

BATISMO

Horn considera que o “batismo é o sacramento no qual o lavar com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, significa e sela a nossa união com Cristo, a participação das bênçãos do pacto da graça, e nosso compromisso de pertencermos ao Senhor”.¹⁰⁸

Esta definição destaca alguns elementos essenciais do sacramento do batismo: É o lavar com água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; é a marca da nossa união e de nossa participação nas bênçãos advindas da justiça de Cristo a nós imputada; é a nossa admissão na Igreja visível de Cristo; é o perdão pleno dos nossos pecados; é a evidência e os frutos da regeneração, da adoção, da justificação, da santificação, da perseverança e da glorificação de nossos corpos ressurretos. Este sacramento comunica espiritualmente todas as graças significadas nas etapas da salvação.

Outro aspecto importante do batismo é a sua relação com a fé, condição importante para a evidência da nossa salvação. O Patriarca Abraão “creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça (Rm 4.3); de modo que ele se tornou o grande crente típico: “o pai de todos os que creem” (Rm 4.11); e todos os que creem em Cristo “são descendência de Abraão, e herdeiros segundo a promessa [pacto]”.¹⁰⁹ Barth diz que o batismo é símbolo de diferenciação:

Em todas as circunstâncias, o homem batizado difere do não batizado, como alguém que foi colocado debaixo do sinal da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, sob o sinal da Sua esperança. Seu destino, Sua vinda, devido ao decreto divino aceito e declarado sobre ele. Difere do não batizado em todas as circunstâncias; quer pense sobre isto ou não, quer lhe dê honra ou não, ele é, por aquele sinal, um homem assinalado, um homem que, por aquela representação, foi assim condicionado.¹¹⁰

¹⁰⁸ HORN, Leonardo T. Van. *Estudos no Breve Catecismo de Westminster*. São Paulo: Os Puritanos, 2000. p. 170.

¹⁰⁹ HODGE, 2008, p. 466.

¹¹⁰ BARTH, Karl; CULMANN, Oscar. *Batismo em diferente visões*. São Paulo: Novo Século, 2004. p. 54-55.

Verifica-se categoricamente que a diferença fundamental aqui é estabelecida, que traz o sinal de que aquela pessoa está debaixo da morte e ressurreição de Cristo; de que este sinal é traz sobre a vida do batizado da esperança, destino e vinda de Cristo. A vida de uma pessoa só tem significação a partir de toda a realidade de Cristo sinalizada e sela pela realidade batismal, como significação de esperança para a vida aqui e no futuro.

SANTA CEIA

Vos reflete a respeito da Santa Ceia considerando que a:

Ceia do Senhor é um sacramento do Novo Testamento pelo qual, ao serem dados e recebidos o pão e o vinho conforme determinação de Jesus Cristo, proclama-se a Sua morte. Aqueles que tomam a comunhão de maneira digna, alimentam-se do corpo e do sangue do Senhor para a sua nutrição espiritual e crescimento em graça; confirmam a sua união e comunhão com Cristo; testificam e renovam a sua gratidão e compromisso para com Deus e o amor e a comunhão uns para com os outros, como membro do mesmo corpo místico.¹¹¹

Esta aliança testemunha e renovada na Santa Ceia constitui todas as graças da providência divina sobre a vida do cristão; é uma representação de toda a realidade espiritual da expiação de Cristo; da sua morte substitutiva, pela qual Cristo morreu pelos pecados do povo.

O propósito da Santa Ceia serve a uma realidade simbólica de edificação do povo de Deus, com vistas ao fortalecimento, encorajamento e edificação espiritual do seu povo, envolvendo a sua vida, vida e trabalhos deles. Este vínculo sagrado confirma a nossa relação com Cristo, a nossa decisão de vivermos uma vida de gratidão e de obediência a Deus; testificam e renovam o seu amor e comunhão com seus coirmãos na fé.

Esse ato sacramental lembra-nos que não somos salvos somente pelos ensinamentos de Jesus nem pela Sua vida, mas pela superioridade da Sua morte na cruz. Ele deu o pão e o vinho aos Seus discípulos, significando o dom de Cristo a homens pecadores pela infinita graça de Deus (Jo 3.16) e a pregação do Evangelho em que esse dom divino do Salvador é ofertado aos pecadores.¹¹²

¹¹¹ VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster Comentado*. São Paulo: Os Puritanos, 2007. p. 543.

¹¹² VOS, 2007, p. 548.

Notemos alguns elementos essenciais da Santa Ceia: Ela sela e assegura, para o participante, a revelação do amor de Cristo; Nos dá a certeza de que todas as promessas deste pacto e todas as riquezas do Evangelho estão disponibilizadas para o cristão; Assegura como nossa vida é alimentada e renovada; é também no ato de comer e beber é um ato de professar a fé e sua fidelidade a Cristo; Desafia-nos a um compromisso de obediência aos seus mandamentos; Comunica uma influência espiritual, mística e vivificante ao crente, quando no ato de receber esses elementos é condicionado ao ato de fé pelo qual o comungante recebe simbolicamente.

Portanto, o comer o pão e beber o cálice significam para nós todo o nosso crer; quando a encarnação, o batismo, a expiação e a pregação do Evangelho precisam ser acompanhados, por uma fé pessoal a Cristo, cujos elementos representam a dependência de Cristo para a vida e para o crescimento espiritual. Participar desses elementos representa nossa contínua dependência de Cristo, pela nossa união com Ele para o nosso crescimento espiritual.

CONCLUSÃO

No presente trabalho, tematizou-se a espiritualidade resiliente como uma construção feita a partir do aprofundando de nossa relação com Deus, conhecendo melhor a nós mesmos e nos doando cada vez mais ao outro. Esta é a essência do Evangelho, a exemplo de um Deus que se doou a nós.

A espiritualidade resiliente nos convida a uma amizade maior com Deus, a um ouvir constantemente a Sua voz, atendendo o convite veemente de Jesus que é: “quem tem ouvidos [para ouvir], ouça”. Esta compreensão é deveras importante, pois toda capacidade de agir, de ajudar, de incentivar, vem da força da nossa relação espiritual com Deus. Nós somos agentes resilientes por causa da graça e da força que vêm do nosso Senhor. Todo o caminho da resiliência é construído a partir do outro, da comunhão, da força mútua compartilhada na caminhada diária. Nós precisamos de Deus e do outro.

Outro fator importante a destacar é a relação da espiritualidade resiliente com a dimensão da fé, especialmente em situações de sofrimento. O que desafia cada pessoa a manter o equilíbrio necessário, a fim de evitar extremos. O resiliente precisa ter a consciência de que é vulnerável e que está sujeito a quedas, e que isso não caracteriza falta de fé. Uma outra atitude que deveria ser evitada é a valorização extrema do sofrimento, como algo necessário para a vida cristã.

Tanto uma situação pessoal ou a constatação do sofrimento de outro irmão de fé, ou até mesmo de toda a sociedade pode nos conduzir a duas atitudes: brotar do sofrimento uma espiritualidade forte e experimentada ou permitir que o sofrimento mate a espiritualidade. A fim de evitarmos que o sofrimento se torne uma fogueira impetuosa ou impiedosa que deixa a nossa fé nas cinzas, nossa alma no abismo e nosso coração fechado para com Deus, temos que ter a atitude de transformar o sofrimento em uma semente da qual poderá nascer uma espiritualidade que faz do sofridor alguém cuja visão e experiência de Deus, da vida e do mundo seja completamente diferente daqueles que desistiram de Deus, de si mesmos e do mundo.

Quando nos deparamos com uma situação de sofrimento, dor, perdas, medo, violência e desespero, somos convidados a não adotar ou substituir uma

atitude de condenação ou qualquer tentativa de explicação, por outra que nos leve a vivenciar a realidade do consolo e da transformação que estas situações podem nos proporcionar.

A espiritualidade resiliente surge das experiências de sofrimento. Ela se amplia e rompe com a apatia, e, por vezes, se torna empática com a realidade de outros. Há uma dimensão afetiva na espiritualidade resiliente que permite a valorização das relações humanas como relações que transpassam a realidade e mergulham na transcendência. Nesta afirmação encontra-se uma realidade que emerge de um conjunto de ações espirituais e resilientes, e que geram atitudes de apoio, ajuda, compreensão e doação ao outro, que tornam a nossa vida útil a partir do outro, que nos tiram de toda apatia, e que torna a espiritualidade resiliente simpática, altruísta e solidária.

Outro aspecto decorrente desta espiritualidade resiliente é a dimensão do cuidado como um jeito de ser e de estar no mundo, torna-se o modo de viver, de se relacionar, de ajudar. O cuidar aqui se transforma em atitude. É uma maneira de se portar que renova a vida. Trata-se de um jeito que o próprio ser humano busca se estruturar ao se conhecer melhor. O cuidado faz parte da própria constituição humana. Essa percepção indica que o ser humano é parte da criação, pois foi criado do pó da terra. A dimensão do cuidado é fundamental para as relações da espiritualidade resiliente, uma vez que sem o cuidado a pessoa se desestrutura, perde a própria razão de viver, entra em colapso e acabará por prejudicar a si mesmo e aos outros. O cuidado se apresenta como a essência da própria vida, em tudo aquilo que o ser humano projeta, como singular e fundamental da sua vida.

Os meios da graça, expressão da Teologia Reformada, foram trazidos para esta pesquisa na tentativa de relacionar o tema da espiritualidade resiliente e a vida comunitária, indicando assim caminhos a serem percorridos pelos membros da Igreja Presbiteriana do Brasil. Este caminho é construído pelos elementos eficazes dos meios da graça, a saber: a Oração, a Palavra de Deus e os Sacramentos, instrumentos da Teologia reformada para comunicar, fortalecer e recuperar os cristãos diante das provas, crises e sofrimento da vida. São meios indicados por Deus para transmitir a Sua graça. Diante deste desafio, os cristãos, especialmente os presbiterianos, são em primeiro lugar convocados e convencidos da necessidade

de conhecer e se aprofundar no conhecimento e no uso adequado deles, na vivência cristã.

Os cristãos deveriam dar prioridade quanto ao ouvir e a se alimentar da Palavra. É a arte de procurar o Senhor até achar; usufruir toda riqueza que essa busca possa trazer para o nosso crescimento devocional. É ter na oração o meio para enriquecer a espiritualidade resiliente, gerando espontaneidade, superação de toda ansiedade, força, alegria necessárias para fortalecer um cristão resiliente.

A participação nos sacramentos como testemunho da presença de Cristo, manifestada e recebida como bênção e força que atendem aos objetivos da Sua graça, e o Seu poder inefável, para construir nos cristãos toda capacidade de fortalecimento, e a ensiná-los como lidar com as crises aprender e aproveitar as oportunidades de ampliar os potenciais.

Portanto, a presente pesquisa é apenas o início de uma relação que terá muitos frutos na vida da Igreja, do testemunho cristão, porém o caminho é longo, especialmente para os membros da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Soli Deo Gloria!

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BARTH, Karl. *O Pai Nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos*. Novo Século: São Paulo, 2003.
- _____. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 1999.
- BARTH, Karl; CULMANN, Oscar. *Batismo em diferente visões*. São Paulo: Novo Século, 2004.
- BAVINK, Hermann. *Teologia Sistemática: inverter os dados, rever todas as notas*. São Paulo: Socep, 2001.
- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *Espiritualidade: caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- _____. Panteísmo e panenteísmo: distinção necessária. Trecho extraído de *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*, Vozes 2011, presente no site oficial do autor. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2012/04/16/panteimo-e-panenteismo-distincao-necessaria/>>. Acesso em: 3 out. 2012.
- _____. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.
- CALVINO, João. *O livro dos Salmos*, v.1. São Paulo: Parakletos, 1999. p. 15.
- _____. *Romanos*. São Paulo: Parakletos, 2001.
- CARMELLO, Eduardo. *Resiliência: a transformação como ferramenta para construir empresas de valor*. São Paulo: Gente, 2008.
- Dimensões teológicas da Criação e Salvação na teologia de Pierre Gisel. ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. *Atualidade Teológica*, revista do departamento de Teologia da PUC-Rio, ano XVI, n. 34, fasc. 34, abr./jan., 2010. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_teologia.php?strSecao=input0>. Acesso em: 28 nov. 2012.
- GRONINGEN, Gerard van. *Criação e Consumação: o Reino, a Aliança e o Mediador*. São Paulo: 2002.
- HOCH, Lothar Carlos et al. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.
- HODGE, Alexander A. *Confissão de Fé de Westminster comentada*. São Paulo: Editora os Puritanos, 2008.

- HORN, Leonardo T. Van. *Estudos no Breve Catecismo de Westminster*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.
- HUNTER, James C. *O monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- KAISER, Walter C. Jr. *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1980.
- KOTTLIARENKO, M. A.; CÁCERES, I; FONTECILLA, M. Estado de Arte em resiliencia. Organización Panamericana de La Salud: *Oficina Sanitaria Panamericana*: Oficina Regional de La Organización Mundial de La Salud, 1997.
- LLOYD-JONES, Martyn. *Estudo no Sermão do Monte*. São Paulo: Fiel, 1984.
- MAÍLLO, Valentín Muñoz. *Confissões de Fé da Igreja*. Madrid: Literatura Evangélica, 1983.
- MOLTMANN, Jürgen. *Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, Marcos Cavalcante de; HACK, Osvaldo Henrique. *Educação Teológica Presbiteriana*. São Paulo: Mackenzie, 2002.
- PETERSON, Eugene, H. *Maravilhosa Bíblia: a arte de ler a Bíblia com o Espírito*. São Paulo Mundo Cristão, 2008.
- RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.
- REIMER, Haroldo. *Toda criação: ensaios de Bíblia e Ecologia*. São Leopoldo, Oikos, 2006.
- RIDDERBOS, Hermann. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- SCHOKEL, Luís Alonso. *A missão de Moisés*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SCHULTZ, Samuel, J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- SECONDIN, Bruno; GOFF, Tullo (Org.). *Curso de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- SEGURA, C. Harold. *Para que serve a espiritualidade*. Viçosa: Ultimato, 2010.
- SERRANO, Gonçalo Flor *apud* MARTINEZ, José Maria García. *Os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SILVEIRA, D. R. O sentido de resiliência: a contribuição de Viktor Frankl. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 25(4), p. 567-576, out./dez., 2008.
- SPROUL, R.C. *Suprendido pelo Sofrimento*. Cultura Cristã: São Paulo, 1998.
- TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MULLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da. *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

THEIS, Amandine. La resiliencia en la literatura científica. In: MANCIAUX, Michel (Org.). *La resiliencia: resistir y rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003.

TRIGO, Pedro. *Criação e História*. São Paulo: Vozes, 1988.

VANISTENDAEL, Stefan. *Cómo crecer superando los perconces: resiliência: capitular às forças del individuo*. Ginebra: BICE, 1995.

VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas*. São Paulo: Paulinas, 2003.

VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster Comentado*. São Paulo: Os Puritanos, 2007.

WILLARD, Dallas. *A conspiração divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.